

ITAMAR DE SOUZA FERREIRA KRENAK, MARIA INÉS DE ALMEIDA E ALUNOS DE ESTUDOS TEMÁTICOS DE EDIÇÃO  
(ORG.)



N.Cham. 980.41 U11 2009

Título: Uatu Hoom .



447001005  
501212

ITAMAR DE SOUZA FERREIRA KRENAK, MARIA INÉS DE ALMEIDA E ALUNOS DE ESTUDOS TEMÁTICOS DE EDIÇÃO  
(ORG.)

980.41

U11

2009



**U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITARIA**



447001005

**NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA**

FACULDADE de LETRAS/UFMG

EDIÇÕES CIPÓ VOADOR

BELO HORIZONTE

2009

501212



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
REITOR *RONALDO TADÉU PENA*  
VICE-REITORA *HELOÍSA MARIA MURGEL STARLING*

FACULDADE DE LETRAS - FALE  
DIRETOR *JACYNTHO JOSÉ LINS BRANDÃO*  
VICE-DIRETOR *WANDER EMEDIATO DE SOUZA*

NÚCLEO TRANSDISCIPLINAR DE PESQUISAS LITERATERRAS: ESCRITA, LEITURA, TRADUÇÕES  
COORDENADORA  
*MARIA INÉS DE ALMEIDA*

PREPARAÇÃO DE ORIGINALS  
*ITAMAR DE SOUZA FERREIRA KRENAK*  
*FLÁVIA COSTA OLIVEIRA*

DIAGRAMAÇÃO E ARTE-FINAL  
*VITOR RIBEIRO*

CAPA  
*ANDERSON KRENAK*

ILUSTRAÇÕES  
*IMAGENS CEDIDAS POR ITAMAR KRENAK*

EDIÇÃO DE DVD  
*CAROLINA CANGUÇU*



# Sumário

---

NOTA DOS EDITORES	05
O QUE EU SEI, EU ESTOU ENSINANDO PRA ELES <i>DJANIRA KRENAK</i>	08
A TERRA DOS ANTIGOS KRENAK <i>VALDEMAR ADILSON (NADIL KRENAK)</i>	12
POR QUE EU SEI DESSA HISTÓRIA? PORQUE MEU PAI PASSOU PRA MIM <i>EUCLIDES KRENAK</i>	14
ACABAM AS CAÇAS, ACABA PEIXE, ACABAM AS COISAS TODAS <i>LAURITA KRENAK</i>	20
PORQUE AGORA TEM UM MONTE DE PARENTE TUDO ESPALHADO <i>MARIA JÚLIA KRENAK</i>	28
O MEU PAI CONTAVA, PASSAVA PRA GENTE <i>DJANIRA KRENAK</i>	34
VOU LÁ NADA, VOU ONDE PAPAI ESTÁ! <i>MARIA SÔNIA KRENAK</i>	42
EU SOU A PONTE AQUI DO RIO <i>ZEZÃO KRENAK</i>	48
HISTÓRIA DO BRANCO QUE MATAVA ÍNDIOS	54
OS ESPÍRITOS DO POVO KRENAK <i>MAURÍCIO KRENAK</i>	56
ÁGUA, LEITO DAS VIDAS KRENAK	58
A TERRA PARA OS KRENAK É ESSENCIAL. SE TEM TERRA, TEM ALEGRIA	70
PATRIMÔNIO CULTURAL KRENAK, ILHA DA RESISTÊNCIA <i>ITAMAR KRENAK</i>	76
HISTÓRIA EM QUADRINHOS <i>LEOMIR KRENAK</i>	80
APÊNDICE: A VISÃO DO BRANCO SOBRE O ÍNDIO	84





## Nota dos editores

Este livro foi feito a partir das transcrições dos registros audiovisuais do Seminário "Passado, presente, futuro da Terra Krenak". Este foi realizado pela Associação Indígena Krenak, em parceria com o Programa de Extensão Culturas Indígenas na UFMG, em 2002. Participaram todas as famílias Krenak, assessores externos e estudantes da UFMG. Foi coordenado por Nadil Krenak e Maria Inês de Almeida, numa tentativa de diálogo intercultural, para produção de conhecimentos sobre recuperação da Mata Atlântica.

A memória dos mais velhos, dos que falam o idioma Krenak, é a principal fonte para esses conhecimentos.

Editando este livro e o filme, alunos da UFMG puderam participar da elaboração deste material didático para as escolas Krenak, que servirá também para outras escolas da sua região.

Os Krenak são um povo que antigamente era chamado Botocudo pelos colonizadores. Ao final deste livro encontram-se algumas referências onde os estudantes poderão conhecer como os Botocudos eram vistos pelos brancos nos tempos dos primeiros contatos.











O que eu sei,  
eu estou ensinando pra eles

Djanira Krenak





Eu ensino as crianças, os meninos... Eles não podem perder. Então, eles têm que ir à frente porque é muito importante pra eles. Eles têm que prestar atenção pra poder aprender, para passar para os filhos, para os netos deles, porque às vezes até lá... A gente é igual a um passarinho: na mesma hora que está bom, na mesma hora adoece... Pode ir embora, morrer, se apagar... Então aí, as crianças aprendem. Eu acho muito importante pra eles, porque eles aprendem para não perder a língua deles, a tradição deles, para não perder a cultura deles. Então eu quero que vá em frente a cultura, a religião, a linguagem pra eles aprenderem a passar para os filhos deles, netos deles o que eu estou passando pra eles hoje. Se eu não ensinasse eles, eles não sabiam não. Mas eles estão aprendendo a linguagem, a história, os tempos antigos, como que era, como que não era, o passado dos índios mais velhos. O que eu sei, eu estou ensinando pra eles. E eles estão se saindo bem! Estão aprendendo...





Eu acho muito importante pra nós ter um livro para os mais novos aprenderem. Eles falam assim: -"Eu quero papel pelo indígena, não pelo branco." Para eles saberem que a gente fez papel para passar pra eles, para eles aprenderem. Eu acho muito importante a linguagem, o ritual, cantos dos fogos, dos rios, das matas, dos ventos... Isso eu acho muito importante!

Quando eu era criança, acho que eu estava com três para quatro anos, porque eu me lembro quando eles levaram a gente pra Maxacali, eu era menininha... Foi meu irmão, minha madrasta, meu pai... Ele falou que ia morrer na terra dele, na terra Krenak. Ele nasceu, criou, casou, construiu filho foi ali. Para que ficar na terra dos outros? Não pode não. Cada tribo tem suas terras, seus costumes, tem sua linguagem, cada um tem sua voz para poder falar. Nós não entendemos a língua deles e nem eles entendem a nossa. Como música e como falar também. Aí, nós fomos embora. Foi serviço de branco. Eles tiraram a nossa terra, tiraram nós do Krenak e levaram para Maxacali, onde vivemos muito tempo. Aí, meu pai não quis viver mais lá. Nós viemos embora. Um tanto de índio saiu a pé. Nós saímos por último. Eles sofreram de andar a pé até chegar em Valadares. Aí, eles vieram pra Krenak a pé e nós ficamos lá ainda, meu pai ficou lá. Depois ele falou assim: -"É meus filhos, eu vou trabalhar pra fazendeiro pra ganhar dinheiro pra gente ir embora. Vou conversar com o encarregado pra ele levar a gente até Valadares ou até Belo Horizonte, porque a gente não consegue andar a pé."



A terra dos antigos Krenak

Valdemar Adilson (Nadil Krenak)





Antigamente, o povo Krenak utilizava-se da Bacia do Rio Doce para chegar até o mar. Hoje, realmente, quando falamos em desenhar nosso território, costumamos seguir o que ficou determinado pelo Governo. Cabe lembrar que essa limitação foi demarcada em 1920, contra a nossa vontade. Mas, na verdade, a matança e o massacre fizeram com que nosso povo permanecesse aqui, diferente dos povos de antigamente que moravam em Pankas, em Garrafão, em Kuparak, em Resplendor, em Galileia, Cuieté, Tumiritinga e Nak, localizada mais ao alto. Nosso povo vivia na beira da margem do Rio Doce, da pesca e da caça, e nos locais onde foi implantado o festival de dança e de cultura indígena.

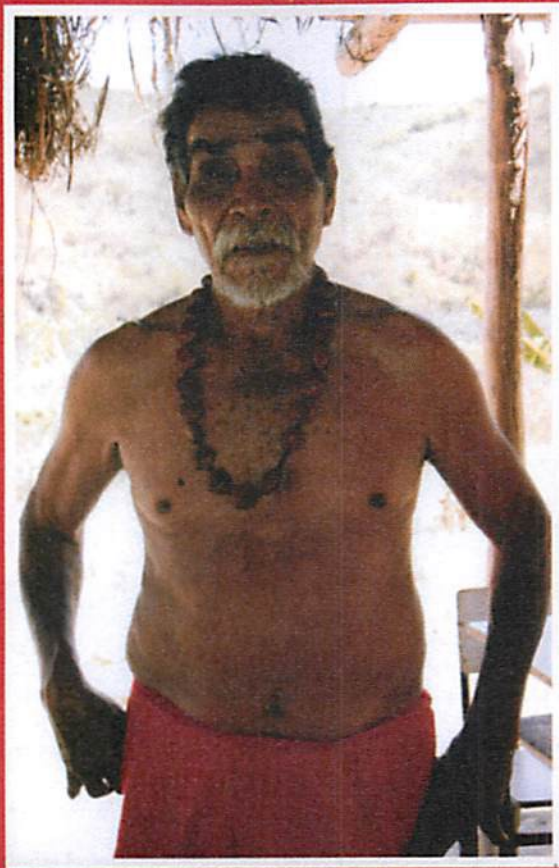
Então, nosso povo habitava por ali: entrava por Guanhães, Itabira, mas quando se lembrava do Rio Doce voltava pra cá, porque o Rio Doce era o Pai Nosso, que fornecia comida e suporte pra nossa vida, ele era nosso Patrimônio. E, por isso, nós não tínhamos limite.

No passado, nosso povo saía da aldeia Krenak e vinha a pé pelas matas, vinha pra cá, ficava aqui algum tempo caçando. Então, eles seguiam viagem e ficavam em outros lugares. E, depois, voltavam para o território Krenak.

Como antes não existiam donos, o lugar era livre para os índios andar, caçar e pescar. E, hoje, já não se faz mais isso, porque se um índio for a um lugar caçar, os brancos não deixam, porque eles são os donos agora. Antes não existiam donos, os donos éramos nós. E quando os brancos vieram pra cá, acabou isso tudo, foram sendo donos da terra. O índio ficou sem o seu espaço para caçar e pescar.

Por que eu sei  
dessa história?  
porque meu pai  
passou pra mim

Euclides Krenak





Agora vou falar sobre o casamento. Eu já fiz casamento Krenak. Este é o bastão. A noiva, ao procurar o noivo, vem e faz a promessa. Eu sei fazer batismo, sei fazer casamento na minha cultura. Por que eu sei dessa história? Porque meu pai passou pra mim. E se ele não passasse? Ia faltar pra mim.

O batismo é feito dentro da água. O povo todo em roda em volta assim, aí você pega a criança e afunda um pouco no rio assim. Aí, a criança sai chorando, mas já está batizada. O batismo é bom porque nasce uma alma e, se a gente não batiza, Satanás vai carregar...

O nosso povo Krenak é um povo muito humilde. Uma vez teve um detalhe, um problema e teve uma decisão que nós não podíamos sair mais. Então nós tivemos uma trincheira na beirada do rio onde nós íamos ficar. Passamos três dias e três noites juntos naquelas pedras. Papai acendeu o fogo e nós, junto à mamãe, dormíamos do outro lado do fogo. Levaram aqueles couros de boi e forrava nas pedras: era assim que as crianças ficavam. Mas, naquela época, pegava muito peixe, o rio era bom, fazia a comida lá, mandioca, batata. Naquela época, era muito difícil comer arroz. Vim a comer arroz aqui, agora, no meio de vocês. Mas tem dia que, lá em casa, eles perguntam: -"Hoje nós vamos comer arroz? - Hoje não. Vamos comer só mandioca." Hoje em dia as coisas estão muito modernas e, às vezes, eu fico pensando como tudo mudou. Um dia, minha irmã me perguntou: -"O que você está sentindo? - Eu não estou sentindo nada, estou aqui só pensando como que mudou muito..."





Quando eu estava com dez para onze anos, eu não vestia calça não, era um vestido que mamãe fazia pra mim. Às vezes, eu falava: -"Isso aí não serve pra mim não." Mas tinha que vestir assim mesmo. Brincava, pulava de lá pra cá, eu e meus irmãos. Aí, um dia, papai falou: -"Tem que tirar esses vestidos das crianças, que está ficando tudo feio." Então, ele foi lá e comprou roupas pra nós. Mamãe cortou as calças e depois a gente não usou mais aqueles vestidos. Tinha umas fitas para a cabeça, nós não sabíamos de nada, nós andávamos descalços. Hoje é que eu vim a andar calçado, antes eu corria descalço no meio de espinhos. Hoje, qualquer preguinho no sapato e a gente fica com o pé machucado...

O Lírio, que é meu cunhado, é quieto, trabalhador. Mas o caso dele é só com o gado, ele gosta de carne. Um dia, ele disse: -"Vamos matar uma novilha pra gente comer? - Lírio, nós já temos pouco gado. Você ainda quer matar novelho? - Não, eu quero matar novelho é pra comer! Quando acabar essa carne, eu saio pra caçar."







Assim, ele matou a novilha e nós comemos a carne. Aí, então a carne acabou. Avisei ao Lírio e ele logo disse: -"Não precisa preocupar com nada não. Eu vou matar uma capivara pra gente comer."

E ele foi e caçou mesmo. Antes achava muita caça, mas hoje esse bicho está difícil de achar. Antes tinha muito bicho, mas nós saímos dali, os fazendeiros correram com nós e acabaram com tudo. Agora, esses dias, quando voltei, eu fiquei olhando, olhando, e vi que o mato tinha acabado, acabaram os bichos tudo. Caça hoje só tem iambú, quati, tatu, pouca coisa.

Quero dizer... Então, a gente pega uma prática, pega o espírito e fica curioso. Vocês estudam. Tomem bem o sentido, tomem bem o que vocês estão fazendo, porque o que vocês fazem serve não é para os outros não. Isso serve pra vocês mesmos. Se você for um empregado ou se você vai mandar alguém fazer as coisas pra você, todas as coisas são pra você. Não é como eu, eu só sei escrever os números, o resto eu não sei. Eu sei ler, mas é bem devagar. Então, a gente vai demonstrando uma coisa, outra, aqui não tem ninguém maior. Aqui, todos são iguais. Só as ideias que são diferentes, eu penso uma coisa e vocês pensam outra.



Acabam as caças,  
acaba peixe,  
acabam as coisas todas

Laurita Krenak

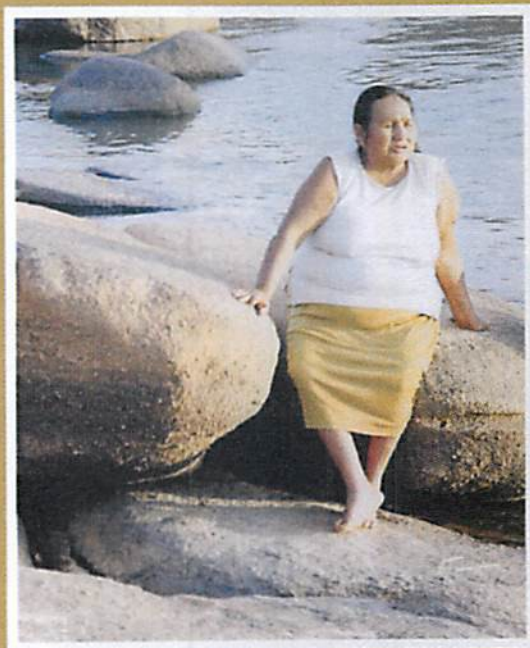


IMAGEM CEDIDA POR AILTON KRENAK



Vou contar uns casos muito doídos, que eu não gosto de conversar. Quando a gente era pequeno, porque a gente já está ficando velho... Está acabando. Quando contamos esses casos, ficamos com aquele remorso no coração. Quando nós éramos pequenos, andávamos ali no córrego da Gata. Eu lembro ainda, quando eles andavam e buscavam caratinga ali no morro da Gata. O córrego da Gata é igual a nossa mãe, todos os córregos são iguais a nossa mãe.

Então a gente viveu a vida assim, mais apertado na beirada do Rio Doce porque o fazendeiro foi chegando e apertando. Então meu pai fez uma casa e eu nasci aqui, na Barra do Cacau. Moramos aqui, meu pai, meu padrinho Alexandre e eu. Lá embaixo era Joaquim Grande. Aqui morava minha mãe, ali morava parente nosso. Então, morávamos por aqui mesmo, perto desse córrego, o do Cacau. Os índios andavam menos no Cacau, porque já tinha muito morador branco.



Os brancos não gostavam que a gente andasse onde eles andavam. Então a gente ficava assim. Nosso pai ia para Resplendor e para passar no córrego do Eme tinha que pedir um fazendeiro, que era o Aquimino: -"Ô, seu Aquimino, a gente pode passar aqui?" E ele falava: -"Pode!" Ele era mais acostumado com os índios e, por isso, ele deixava. Mas tinha uns alemães, nessa época, que não deixavam passar. Íamos, de todo jeito nós escapávamos: saíamos do Alemão aqui, subíamos o morro e ainda havia a morada do Alemão ali para o lado do Cristiano. Como eles não nos deixavam passar, tinha ali a pinguela.

Os índios para virem, para passar sem pedir, eles vinham de madrugada. Quatro horas, eles pegavam a estrada e iam para Resplendor, mas nós não aguentávamos voltar no mesmo dia, porque éramos pequenos. Então, meu pai ficava na beira do rio pescando e vendia peixe. Meu pai, para ir fazer compra lá em Resplendor, tinha que levar nós dois, eu e meu irmão. Aí, nós íamos lá, dormíamos na beirada do rio, pescávamos, vendíamos o peixe, comprávamos mais coisa e voltávamos descansando.

Chegávamos ali na Barra do Eme para atravessar uma pinguela - aqui embaixo tinha uma e lá em cima tinha outra. Então, para não mexer com o povo aqui, nós atravessávamos de noite, de madrugada, pra ninguém ver.

E essa Ilha aí? Essa Ilha aí... Nossa! Tudo era cheio de mato. Os brancos moravam lá em cima, no córrego do Cacau. Eles vinham, derrubavam a mata, tiravam as madeiras, colocavam tudo... Atravessavam tudo no rio e com a canoa iam puxando madeira pra lá. Agora, eu não sei onde é que eles colocaram a madeira, mas eles eram "culiados" com o Chefe do posto, tudo era "culiado".

Aqui tinha muito jacaré e muita capivara, tinha caça, mas eles andaram caçando e quando atravessavam o rio tinha muito jacaré. Então, o Chefe do posto viu que lá não tinha serviço pra ele e aí, vinha com anzol e carabina na beirada do rio e fazia armadilha. Botava aqueles anzóis, todos com tripa de gato, e punha na beira da praia, na pedra, onde jacaré tomava banho e lameava. Quando o animal saía e comia, ele engolia aquilo que agarrava na garganta dele e eles iam com o pau e matavam. Depois levavam outro pedaço de carne, essas carnes de boi... Ele juntava e ia fazer uma armadilha para o jacaré. E ele não comia jacaré; jogava tudo fora, só pra acabar dentro da água.



Aí, foi acabando, foi acabando tudo. Hoje não tem jacaré no rio e antes tinha jacaré do papo amarelo, tinha outros jacarés. Então, eles foram acabando com tudo, até os peixes estão acabando. Lagosta tinha muita, mas já acabaram. Os brancos acabam com tudo. Eles foram, pegaram, soltaram e agora fizeram a represa e soltaram esse bagre africano. Esse tucunaré, esses peixes que comem os outros pequenos, os peixinhos lambari, aqueles peixes que vão desovando. O pacumã vai engolindo o tucunaré, o bagre... Então vai acabando: já não tem mais bagre e esses bagres são muito comuns, mas o africano engole todos os peixes brancos.

Quando a gente era pequeno, os fazendeiros estavam acabando com as frutas, com o araticum, com a caratinga que é igual mandioca que dá nas matas. Vai acabando, acabando tudo: acabam as caças, acaba peixe, acabam as coisas todas.

Na época que nós saímos daqui pro Maxacali, eu estava com idade de oito anos. O Chefe do posto tinha medo de homem branco, do massacre que eles faziam. Eles pegaram os índios - que ficaram quietos -, arrumaram um caminhão, desses caminhões de carregar boi, e jogaram os índios todos lá dentro: as crianças, os mantimentos, as mudanças lá dentro. Dois caminhões levaram os índios para o Maxacali. Chegamos no Maxacali sem avisar ao Chefe, então nos levaram e jogaram lá no meio da cidade Maxacali, perto da ponte, e nós ficamos lá na beirada do rio até o Chefe tomar providência. Quando eles avisaram ao Chefe, ele falou que não podia fazer isso, que tinha que ter sido avisado, que não tinha casa e nos levou a pé da cidade Maxacali até a aldeia.

Um monte de menino pequeno, um monte de carro de mudança... E eles arrumaram uns burros para carregar as mudanças. Nós ficamos lá, mas os índios de lá não nos entendiam. Hoje não, conversam bem, mas de primeiro não conversavam e começamos a querer brigar com os índios de lá e eles com a gente.



Meu pai não gostou de ficar lá e disse: -"Eu quero ver meus filhos morrerem de doença, mas eu não quero ver meus filhos passando fome... Vamos sair daqui!"

Ali no Maxacali, só tinha um lugar de Chefe do posto morar, e na Água Boa havia umas casas, poucas, mas tinha. Nós ficamos lá, mas meu pai pegou e falou que vinha embora pra cá. Depois a Lucinda falou: -"Eu não vou ficar aqui, não!" Nós íamos embora quando o Chefe falou com ela: -"Se vocês forem embora, nós vamos pegar vocês e jogar dentro do rio, aqui não é lugar de vocês." Nossa mãe, nosso pai e Lucinda, mãe da Maria Sônia, ficaram com medo de nos jogarem dentro do rio e fomos embora. Largamos Joaquim Grande pra trás.

Nós saímos de madrugada, escurinho, antes do Chefe do posto acordar. Eu estava doente quando cheguei em Valadares, mas eu andei, passei mais de três meses andando.

A estrada era de pedra. Ali na estrada do vale de Teófilo Otoni não tinha asfalto, estava fazendo. Andamos até que nós chegamos e pegamos carona pra Valadares. Quando eu cheguei em Valadares, já não estava aguentando... Eu estava doente..

Quando nós chegamos lá, o Chefe brigou, falou que nós estávamos com preguiça de trabalhar, que no Maxacali tinha mata, que os índios trabalharam e que era para nos mandar para São Paulo. Nos mandou para São Paulo. Nós chegamos em um lugar que chama São Martim (fica para o lado de Catú). Nós paramos lá e eles deram dinheiro pra gente comprar, mas nem mandou o Chefe nos esperar. Chegamos lá no meio do trem, na estação de São Martim e o Chefe do posto falou que quando eu fiquei internada em Bauru, que quando sarasse não era pra eu ligar pra lá. Era pra me deixar em Bauru mesmo, sozinha... Em Bauru. Eu fiquei lá, cresci, sarei e nada da minha mãe nem do meu pai. O Chefe falou com o médico que não era para eu nem telefonar pra ele e deu o endereço errado pro médico. O médico falou: -"Você sarou? Então eu vou mandar o Chefe vir buscar você." E não buscou. Eu fiquei lá, saí de lá de Bauru, do hospital, com quinze anos.

Mamãe veio para Araribá, uma aldeia que chama Araribá. Eu fiquei e mamãe foi pra ali. Depois, o Chefe do posto viu que nós estávamos andando, que nunca tinha visto sair daqui e falou assim: -"Onde é que está a filha que vocês falam que está doente? Está em qual hospital?" Minha mãe falou assim: -"Ai, diz que ficou internada em Bauru." Ele já estava pertinho de Bauru, porque Araribá fica perto.

O Chefe, em todo hospital que ele ia, passava procurando meu nome, até que achou e ele foi me buscar. Eu não os reconhecia, quando eu os vi, era pequena. Foram ele e meu primo, que chama Zé Domingo.



Porque agora tem um monte de  
parente tudo espalhado

Maria Júlia Krenak



A gente não sabe o de hoje para amanhã, vem outro governo aí e fala: -"Esses índios são porcos, nós temos que colocá-los em outro lugar, porque fazendeiro tem mais direito." Eles começam a fazer esses "enrolos" e nós sofremos. Já estamos velhos, eu já sofri muito. Eu nasci aqui e já estou envelhecendo. Mesmo assim, eles nos levaram para os Maxacali e de lá para o Guarani. Há quantos anos estamos aqui? Eu não sei, não. Ah... Vinte anos só que nós viemos pra cá. Quantos meninos já nasceram! Quantos meninos cresceram! Meu filho tem vinte e cinco anos, mas ele nasceu na aldeia do Guarani. Depois viemos pra cá. Nós sofremos, porque nós fizemos um pequeno rancho. Nós fizemos uma barraquinha e colocamos só a cama. Ficamos dois ou três anos ali. Os meninos foram crescendo e mudaram, espalharam. E agora há vários parentes espalhados.



Eu não sei muito sobre os antigos. Eu sei que, quando eu andava aqui, os fazendeiros estavam aí. Quando eles nos pegaram e nos levaram, eu era pequena. Eles nos pegaram e levaram à aldeia dos Maxacali. Outros foram levados ao Bananal, outros ao Vanuíre e outros para o Mato Grosso. Depois que nós conseguimos uma casinha, fomos juntando e voltamos. Aí, voltamos a ter vida, mas eles vieram e fomos desapropriados. Eles valorizaram os fazendeiros e nos despacharam para o Guarani. Mas a gente não gostava porque era muito frio, não era igual aqui. Assim, o pessoal ficou triste. Um velho, chamado Jacó, morreu. Ficou triste de ficar andando pra lá e pra cá. Depois, voltamos pra cá. Meu pai foi algemado, mas voltou por conta própria. Depois de ganharmos essas terras, nos apegamos a Deus. Esperamos que isso acabe. Vamos ver se Deus ajuda, porque Deus é o Pai. Eu penso muito na vida, por causa desses meninos, dos nossos filhos e de todos os parentes maltratados e espalhados.

Hoje, estamos aí na luta, queremos reconquistar os nossos direitos, queremos nossa terra de volta, porque a gente não tem tanto espaço quanto os mais velhos tinham para poder caçar e pescar. Mas, se Deus quiser, daqui uns anos, a gente terá a nossa terra para pescar, caçar e andar.

Na nossa opinião, viver bem é ter casa, ficar sossegado, trabalhar sossegado. Sossego. Mas se ouvirmos falar assim: -"Amanhã, você vai sair!", como acontecia, quando a gente percebia, eles vinham nos buscar e levar para outro lugar. Eu nasci ali em baixo, naquela casinha. Quem levava era a polícia. Capitão Pinheiro foi quem mandou a polícia nos levar ao Guarani. Se falassem assim: -"Não, vou levar vocês..." era a polícia! Se não fosse a polícia, a gente não iria. Nem meu pai iria. Meu pai foi ao Guarani porque foi preso. Decidimos por conta própria que voltaríamos, botamos na cabeça. Foi assim comigo. Eu voltei com as próprias pernas.



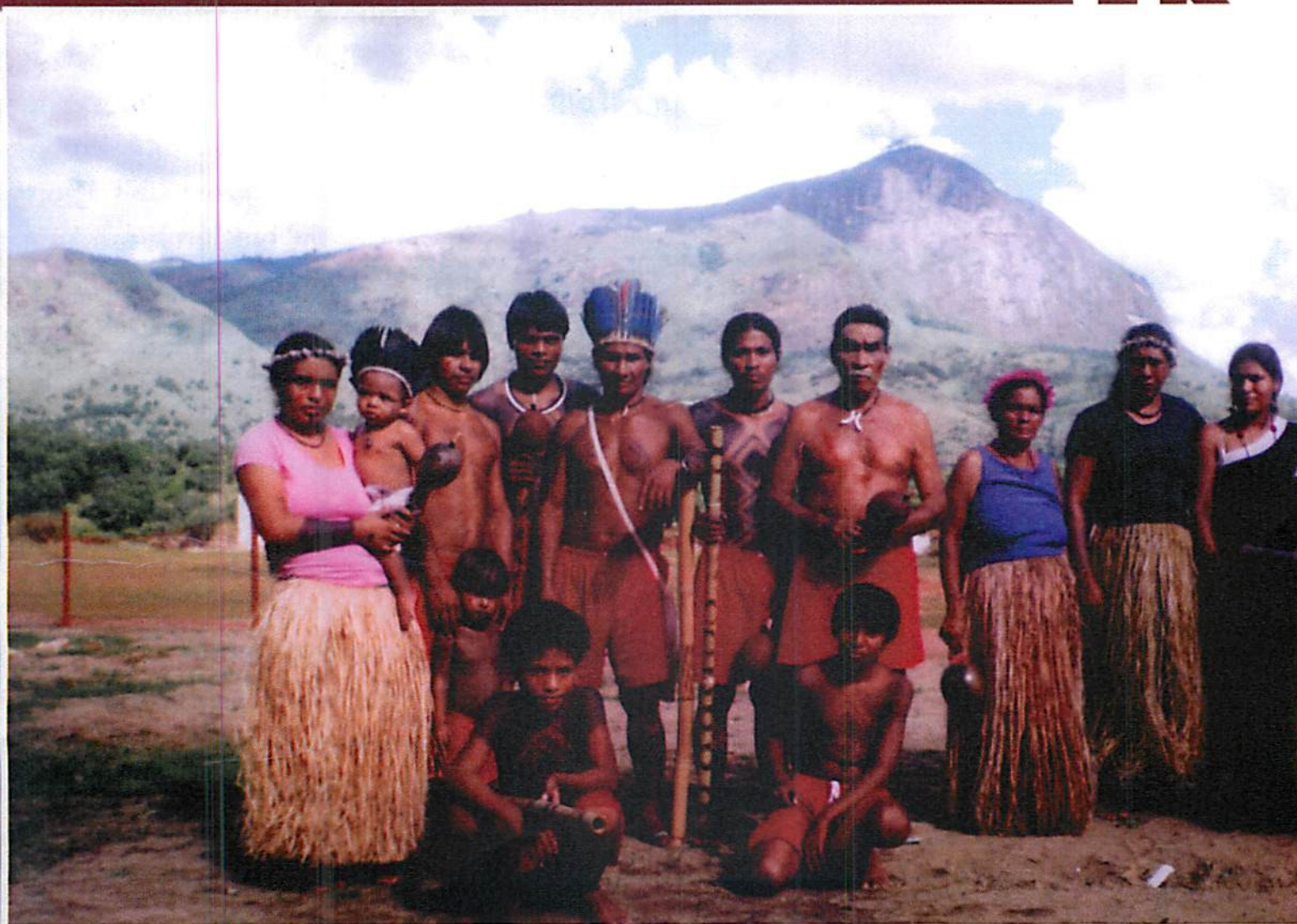
Quando éramos crianças, nós andávamos muito por aqui. Meu pai trabalhava na roça. Plantava batata, mandioca, banana, milho, mas este terreno já tinha sido vendido e eu não o conhecia naquela época. Então, vários fazendeiros foram se mudando pra cá e meu pai parou de vender o que produzia. É, compadre... Foi quando chegou o Capitão Pinheiro, que nos capturou e levou para as terras dos Maxacali. Mas meu pai não quis ir. Ele ficou. Chegando lá, resolvemos voltar. Voltamos a pé. Nós fomos ao Rio de Janeiro, nós voltamos, porque meu irmão queria porque queria ver meu pai e, como ele era pequeno, não sabia de nada. Então, chegamos. Ele estava ali, trabalhando do mesmo jeito. Foi quando chegou o Afrânio. Quando íamos fazer roça ele chegava e cortava tudo. O que podíamos fazer? Largamos a roça. Passamos a vender flechas no trem (meu pai vendia). Se ele vendesse alguma coisa a gente comia, se não, não comia. Ele comprava fubá, arroz, porque não tinha jeito de comer o que plantássemos.

Passei a maior amargura na vida. Então, quando eu cresci, trabalhei uns quatro anos na FUNAI com o Capitão Pinheiro. Depois, fomos levados para as terras do Guarani. Depois, voltamos pra cá. Lutamos de novo e agora estamos ganhando. Eu me lembro que naquele tempo foi assim. Mas, no Guarani, nós sofremos bastante. Não tinha trator. Se quiséssemos plantar, tínhamos que capinar uns pedaços de terra. Passamos a maior amargura no Guarani. Por isso, voltamos pra cá. Agora, graças a Deus, nós estamos ganhando esta terra no qual lutamos e nunca mais passei dificuldades como nós passávamos no Guarani.



O meu pai contava,  
passava pra gente

Djanira Krenak







Quando eu era criança, menina, a gente que cresceu. A gente conta o caso que o pai da gente passava pra gente, contava pra gente... A minha tia, os meus tios... Porque do tempo antigo mesmo eu não cheguei a alcançar, então eu não sei muito. O tempo antigo tem os parentes da gente antigos. O meu pai contava, passava pra gente. Que eles tinham muitos parentes. O branco acabou com os parentes da gente.

Aqui, no Krenak, tinha muita mata, muitos bichos, tinha onça, anta, paca. Paca tem ainda, capivara nós temos muito, graças a Deus! É... Passarinho nós temos, papagaio. Nós só não temos arara. Aí, eu vim crescendo, crescendo, aí meu pai fazia fecha também para ajudar. Aquela flecha ele vendia, comprava um arrozinho, um fubazinho, um suco pra gente. A gente ficava aqui, na beira do rio, quando o branco matou parente da gente lá pro lado do kuparak, lá pro lado de Mantena.





Aí, os parentes da gente, que é meu pai, vinha tudo pra cá, pra beira do rio. Então, eles viveram aqui, cresceram, casaram. Teve eu, essa história dele passou pra mim. Eu estou aprendendo. Ele falou assim que tinha muita mata, os fazendeiros vieram fazendo derrubada, invadiram. Cortaram um bocado das madeiras e foi vendendo pra fora, aí foi acabando. Até encostou no rio. Encostou no rio e o chefe morava aqui, perto da linha, que esse pedacinho aí nós ainda temos pra pegar.

Esse pedacinho é nosso! Lá depois do barco. Ele é nosso ainda.

Aí, a terra que eles pegaram foi só o lado de cá, mas o que precisa pegar ainda não pegou não, que é o lado de lá, onde que o chefe morava. Aí, meu pai e os parentes dele foram e conversaram com o chefe pra poder buscar autoridade, pra socorrer os parentes da gente, o restante que ficou lá. Aí, trouxeram a autoridade, que foi lá socorrer parente da gente. Autoridade também acabou um pouco com os brancos, que acabaram com os índios só por causa da terra. Aí, a autoridade falou assim: -"E do jeito que vocês fizeram com os índios, agora nós fazemos com vocês: cortaram nenenzinho." Botaram o nenenzinho na estrada para os velhos virem pegar o neném. Quando os velhos vieram pegar o neném, o nenenzinho novinho, eles mataram o pai ou a mãe, mataram. Aí, eles ficaram esperando, viram que não vinha ninguém, foi lá e cortaram o nenenzinho de facão. -"Que o velho não saiu, então eu mato nenenzinho." Os parentes da gente foram embora pra cá, aqui na beira do rio. Tinha lá o barracinho da gente, na beira do rio... Caçávamos na Ilha. A gente foi pro Maxacali, aí eu crescendo, meus parentes foram embora pra lá. Veio cá pro Krenak, mas aí já tinha... Já não era o nosso povo, já era tudo branco aqui.





Meu pai não quis ficar no Maxacali, queria ir embora pro Krenak, que krenak que é terra da gente, que é nossa! Aí, meu pai não quis ficar lá, porque os parentes dele vieram embora, que ele tinha que ficar aqui na nossa terra. O chefe falou pra eles assim: -"Então, vocês queriam ir embora pra lá? Não é terra mais de índio, lá já é do branco fazendeiro." Aí, ele: -"Não. Onde é que eu nasci eu vou morrer lá. O Krenak é nosso, não é do branco." Pegou nós, botou dentro do carro e levou pra lá. Chegou lá no carro: -"Eu não vou pra Bananal também não, eu vou pro krenak."

Aí, meu pai falou assim: -"Não. Você me dá passagem que eu vou pra casa." O funcionário deu a passagem, nós viemos embora pra cá. Nós viemos a pé, atravessamos lá, só tinha civilizados. Nós passamos aí na beira do rio. Foi para a casa de Joaquim Grande. Aí, a Lucinda falou assim: -"Ó, Paco! - meu pai chama Paco. O seu filho está morando aqui na Ilha." Aí, ele respondeu: -"Que bom que meu filho está morando aqui, eu pensei que não iria encontrar ninguém. Mas, graças a Deus, encontrei parente, encontrei meu filho aqui." Aí, nós fomos pra lá. Fiquei na casa de Joaquim Grande esperando a terra.

Aí, depois entrou um negócio de Capitão Pinheiro que é de Belo Horizonte. Entrou comandando a terra. Negócio de cadeia, que não podia beber gole, se bebesse iria preso. Então, a gente tinha medo. Ah, mas fazer o quê? Eles iriam ficar na terra da gente. Então os parentes todos aqui de novo. Nós ficamos bem aqui. Todo mundo plantando nas suas terrinhas, os parentes da gente aqui. Mas nós não pegamos os córregos ainda. Nós não pegamos tudo não, só um pedacinho. Por aqui tinha fazendeiro.



Eles arrumaram casa pra nós, casa pra Laurita. Aí, nós ficamos juntos com a Laurita. Quando nós chegamos, nós estávamos morando na Ilha, aí meu pai vendia flecha também. No Krenak, que o trem passava, ele vendia flecha. Foi passando a vida, pescando, até pegar as terras. Meu pai depois faleceu. Faleceu, aí ficamos, e eu fiquei com a Laurita. O Capitão levou nós pra fazenda Guarani. Lá ele levou o pai da Maria Sônia, aí dessa vez chegou a vez dele, aí eles tiraram ele mesmo. Que eles são policiais, levou ele algemado. Levou ele pra Guarani.

Chegamos lá e ainda tinha muito branco morando lá. Aí, nós ficamos numa casinha lá. Eles colocaram a gente tudo naquele bolo, dentro da casa. Ficamos esperando desocupar a casa, um tempo. Daí, eles foram pelejando: desocuparam a casa, o pessoal saiu tudo. Aí, nós entramos pra dentro da casa. Ficamos lá. Aí, ficamos, ficamos, dessa vez eu já não tinha mais pai, meu pai tinha morrido já. Então, foi eu, meus parentes, comadre Sônia, aquelas trincas tudo pra lá. Depois a Laurita, eu estava morando com a Laurita, foi em São Paulo, voltou de novo.

Ela veio embora primeiro pra cá, pro Krenak. Ela, o marido dela, os filhos dela, e eu fiquei pra trás. Ficou um bocadinho de gente ainda e um bocado veio embora. Eles pegaram a terra. Depois eles ficaram morando aí e depois que eu vim atrás também. Fiquei aqui depois que saiu essa terra. A gente foi esparrodando, pegando terra do Alemão, mas primeiro quem entrou foram meus parentes, fomos nós, por isso que eu vim embora. Moramos num barracão aí pra cima. Graças a Deus estamos vivendo a vida, estamos vivendo com os filhos da gente.



Vou lá nada,  
vou onde papai está!

Maria Sonia Krenak



A retomada dessa terra aqui é lá pra 1910. Quando nós crescemos, quando eu cresci que eu conheci. Papai estava plantando num lugar lá, mas o lugar já tinha demarcação. Tudo pronto e nós estávamos naquele pedacinho ali plantando de tudo: milho, mandioca, inhame, banana.

Naquela época, nós apanhamos nove sacos de feijão. O que acabou com as matas foi negócio de serraria aí no Krenak, na banda de lá do rio... Foi João Tomaz e negócio de mata de lenha de fogo também, eles estavam pegando a madeira e puxando tudo pra lá pra serraria, fazendo tábua, fazendo tudo, acabando com as matas. Com isso, o fazendeiro foi chegando, foi tomando conta... De primeiro, da época do Chico Cristiano, tinha era mata inteira, mata virgem mesmo. E eu alcancei eles cortando mata, cortando a madeira, fazendo, vendendo a lenha. Outros tiravam madeira pra vender pra serraria, pra fazer tábua, pra fazer aquelas tabuazinhas de enfeitar.





Aí, com isso, acabou com as matas e também fazendeiro tomou conta da terra toda. Aí, os índios não puderam plantar nada. Nós criávamos porco e galinha. Os parentes chegavam, nós tínhamos de tudo, milho para fazer canjica, arroz... Então, nós não passamos fome aqui não, mas depois... Fazendeiro ia trocando lugar, eles vendiam para outro, daí os outros não gostavam da gente plantar ali dentro, daí nós ficamos sem plantar mesmo, daí nós só vivíamos pescando... Levava peixe para os fazendeiros e trocava por uma coisa e outra. Rapadura... Aí, acabou a mata.

Naquela época, o Chefe era o Fontes, depois do Chico Cristiano foi o Fontes, depois do Fontes o Chefe chamava Sonade, depois do Sonade foi o Seu Moreira. Eles atiraram na perna dele. Daí, ele saiu e ficou Sonade. Depois entrou Pimentel, tinha era muita vaca, carneiro... Ali no posto, ali tinha fazedor de queijo, tinha até de fazer manteiga. Aí, nós pegamos e ficamos. Ficamos naquele pedacinho ali. Eles não gostavam dos índios plantar, o índio não plantava que eles não gostavam. A gente ficava sem lugar, e depois ali nós pegamos e... Eles pegaram, Pinheiro chegou e transferiu nós pro Maxacali.



De lá do Maxacali nós viemos a pé para Carlos Chagas, de Carlos Chagas nós pegamos um trem que veio de Teófilo Otoni, de Teófilo Otoni nós viemos pra Valadares, de Valadares nós fomos para o Rio, dali nós viemos pra cá. Que eu não queria ir pra São Paulo não, de jeito nenhum, não vou pra lá não que lá não é meu lugar, é lugar dos outros. Vou lá nada, eu vou lá onde papai está! Aí, quando nós chegamos ali, papai tinha batido uma cerquinha, que ele plantou de tudo ali: mamão, banana, feijão... Nós chegamos no mês de março. Não, mês de abril, aí nós chegamos e acabamos de ajudar ele a colher feijão. Aí, nós pegamos e ficamos. Depois o pai do Nego também chegou com a família dele. Aí, foi ajuntando, de pouco a pouco, foi ajuntando. Aí, a Laurita também chega com o pai dela e a mãe dela.

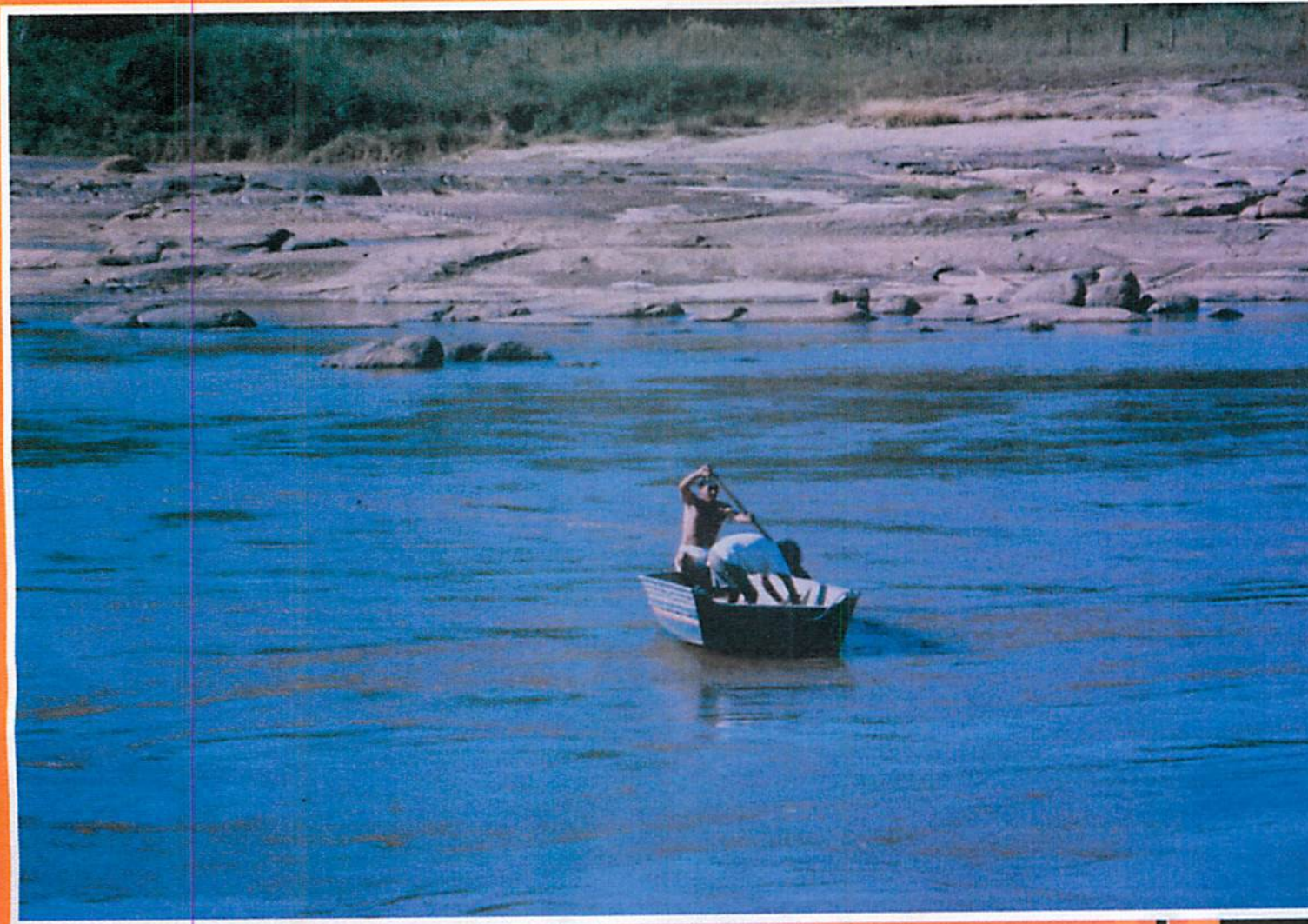
Naquela época, a religião do índio já tinha parado, os antigos tinham morrido tudo. Tinha parado, ninguém mexia com isso mais. Agora, eles estão começando, pela conversa, eles estão fazendo o trabalho deles, então estão seguindo bem o trabalho que eles estão fazendo. E ele começou a fazer o trabalho no ritmo, e agora, eles estão no ritmo, agora eles estão aprendendo, já aprendeu que a descendência aqui do Krenak é os Botocudos. Melhorou mais, porque os Krenak, os Botocudos, agora têm terra pra plantar, têm terra pra pescar, têm lugarzinho, têm as casas, os barracos pra eles chegarem e deitarem, de primeiro não tinha. Agora melhorou bastante, porque cada um está fazendo suas casinhas, está fazendo seu futuro, cada um separado. Agora está melhorando mais. Está melhorando bem mesmo depois que a terra passou para as mãos do Krenak. Escola, negócio de educação...

Na época do presídio eu até cozinhava para os presos. Vinha Xavante, vinha Carajá, Apinajé, vinha Kaiowá, vinha... Índio Kanela. Aí, Pinheiro ajuntou eles tudo ali no presídio (na Fazenda Guarani, no município de Carmésia).



Eu sou a ponte aqui do rio

Zeção, o barqueiro do Uatu



Dezembro, tempo das águas. Já se passaram seis meses do último dezembro. Junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro. Ao trabalhar direto no cruzamento<sup>1</sup>, só se pode ver, mais ou menos, o tempo das águas. Com as águas, enche muito o rio. A travessia se compromete. Existem dias que só resta parar. Parar por falta de forças para remar. Faz-se assim o tempo das águas. Dezembro. Mês que consome completamente.

O motor tem dois anos. Dois anos que está lá na FUNAI, mas nunca que chega aqui. De jeito nenhum. Trabalha-se noite e dia. Tudo tem sua travessia. Os alunos, os passageiros, os visitantes. Só o motor não atravessa, ele não vem.

São dezesseis anos de vai e vem. Se eu estiver dormindo, meu filho atravessa, meu primo atravessa.

E qualquer coisa que tenha do lado de fora é motivo de travessia.

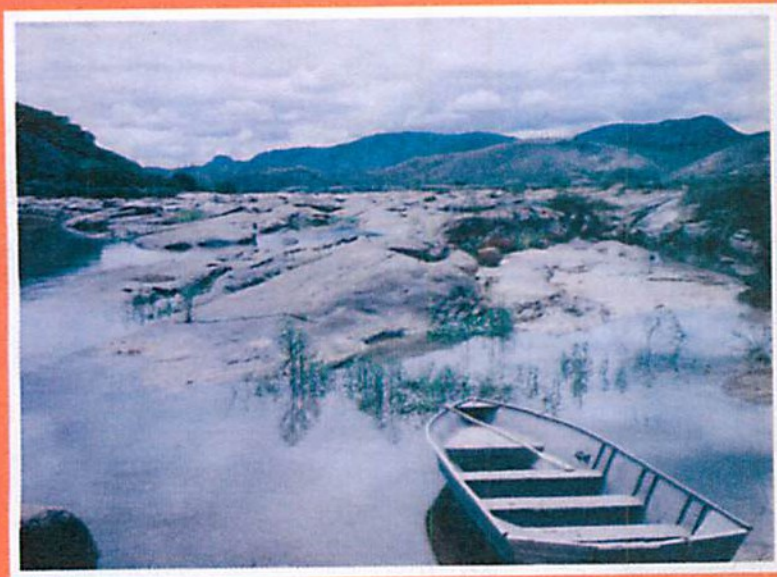
O futebol dos dias de domingo é dia de trabalho pesado.

Meio de semana só atravessam os alunos. Seja durante a noite ou durante o dia.

Através do dia vou fazendo travessias.

<sup>1</sup> De uma margem a outra do Rio Doce.





Quando é meio dia, almoço e deito um pouco. Três horas, volto a atravessar de novo. Ao chegar às quatro, chegam de volta os alunos. Mas é dia de domingo que é martírio. Sábado e domingo. Ainda bem que tenho o primo. Nesses dias, é ele quem atravessa o leite.

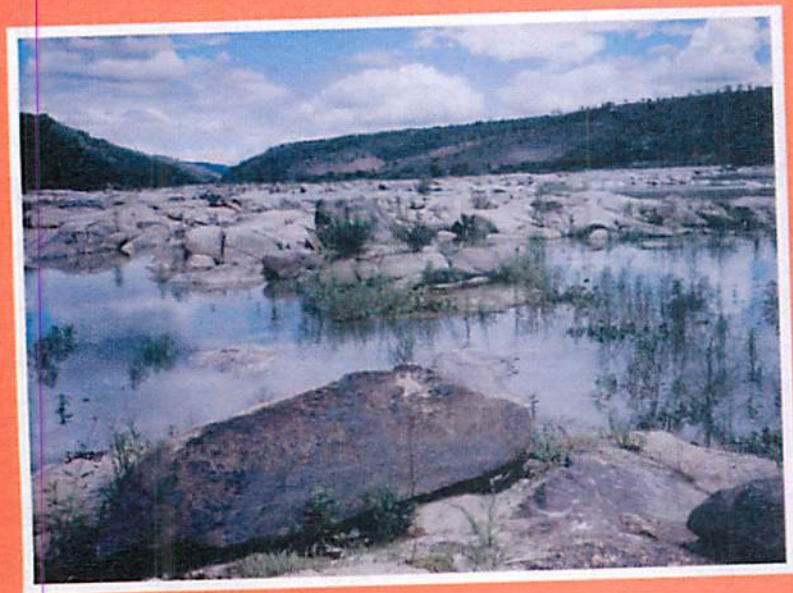
Então, eu descanso um pouquinho.

Então, atravesso o dia... Uns quinhentos metros pra lá, uns quinhentos metros pra cá. Nesse atravessar, arrumo uma redinha, pesco um peixinho. Não sou bom em pescaria. Já os parentes, eles sabem como pescar, levam jeito. Também não posso me dedicar à pesca. Se não tiver ninguém aqui, como as pessoas vão sair? Eles vão atravessar como?

Atravesso o ano à atravessar esse rio. Sejam dias de dezembro, ou de qualquer outro mês. Atravesso.

Eu sou a ponte do rio.





Conseguimos esse pedaço de terra aqui. Aí, fomos pra Brasília. Lá em Brasília, o Rondon foi com nós, foi o Tito que agora é meu genro. Sofreram. Chegamos lá em Brasília e ficamos quinze dias. Nesses quinze dias, nós íamos lá e perguntávamos onde estava o presidente da FUNAI. O próprio índio Xavante disse: -"Não está. Saiu. Viajou." Mentira! Nós voltávamos outra vez. Eu falei: -"Ele está, uai! Leva nós lá!" E eu fui empurrando e falei: -"Abre o vidro!" Juntou um monte de gente, eles vieram e falaram: -"Tá aí, ta aí!" -"Então presidente está aqui, vai conversar com nós. Nós queremos saber do direito nosso! Sobre a terra. Cadê o nosso título original? Nós queremos o nosso título original! Que não é falso!" Nós fomos em cima deles. Os seguranças davam dois de mim. E os Xacriabá entraram tudinho também. Aí, foi subindo. Foi Xavante. Falamos: -"Se vocês não mostrarem o título dos Krenak, nós vamos quebrar tudinho aqui." Eles pediram pra mim: -"Takruk!" É meu nome, quer dizer "pedra" na língua. Eles exclamaram e falaram: -"Calma, nós vamos fazer um negócio." Com trinta e poucos dias, liberou a terra. Mas ficou muitos anos. Então a gente sente isso. Porque eu tenho filho, eu tenho neto. Vai ficar aí as nossas coisas na mão dos outros? Tem que deixar pra eles. Eu sei que amanhã ou depois eu... Deus me leva, morro. Mas tem pra ficar para meus filhos, meus parentes. Acham que vou sair daqui e pegar o que está lá na fazenda do outro? Não vou! Não é meu! Eu quero o que é meu! Não posso pegar o que é dos outros não...



## História do branco que matava índios

Uma das histórias que todos sabem contar na aldeia

Na época, existia o cacique, o cabeça dos índios, igualmente existe hoje. A nossa tribo era muito grande e tinha muitos índios espalhados pela mata. Hoje, não é mais assim, só se vê capim e boi comendo e andando em cima do pasto.

Antigamente, o branco se escondia dentro de uma caverna na pedra - pelo que eu ouvi a Laurita contar - e ficava matando o índio de chucho. O índio saía para caçar naquele território e já não voltava. Eram os brancos querendo tomar as terras. E, aos poucos, os índios foram sumindo.

Até que um dia, o chefe, o cacique, descobriu isso e tentou localizar e descobrir o que estava acontecendo e porque o índio estava morrendo. E viram o chucho sobre o corpo furado do índio. Na época, tinham as polícias, que não eram a militar. E, na época, existiam aquelas outras leis que não eram iguais às de hoje. O cacique comunicou a eles, dizendo que estava morrendo índio. A polícia foi lá, tentou localizar e descobriu que tinha um homem que morava perto daquela região, onde residiam os meus parentes. Mas acontece que ele não ficava em casa, só ficava a mulher e os filhos. Então, a polícia, certo dia, começou a vigiar a mulher. Chegou na casa da mulher e perguntou onde estava o marido dela e ela disse que ele estava viajando. E a polícia disse que era quase certeza que era ele que estava matando os índios. Aí, a polícia tocou à noite, vigiou à noite. Aí, a mulher pegou a comida, pegou a farofa, a água e levou para o homem na mata. Chegava lá, ela dava comida pra ele e comia. Mas não saía dali. Praticamente morava ali. E estava matando índio pago por outras pessoas brancas que eram fazendeiros.

Certo dia, a polícia acompanhou ela e descobriu. E o marido dela, que estava matando índios, estava lá. A polícia chegou e viu ele pegando o prato de comida e, quando ele pegou a colher e levou na boca, a polícia disse para ele que antes de comer ele tinha que fazer uma oração e pedir a Deus para perdoar pelas coisas que ele vinha fazendo.



Os espíritos  
do povo Krenak

Maurício Krenak



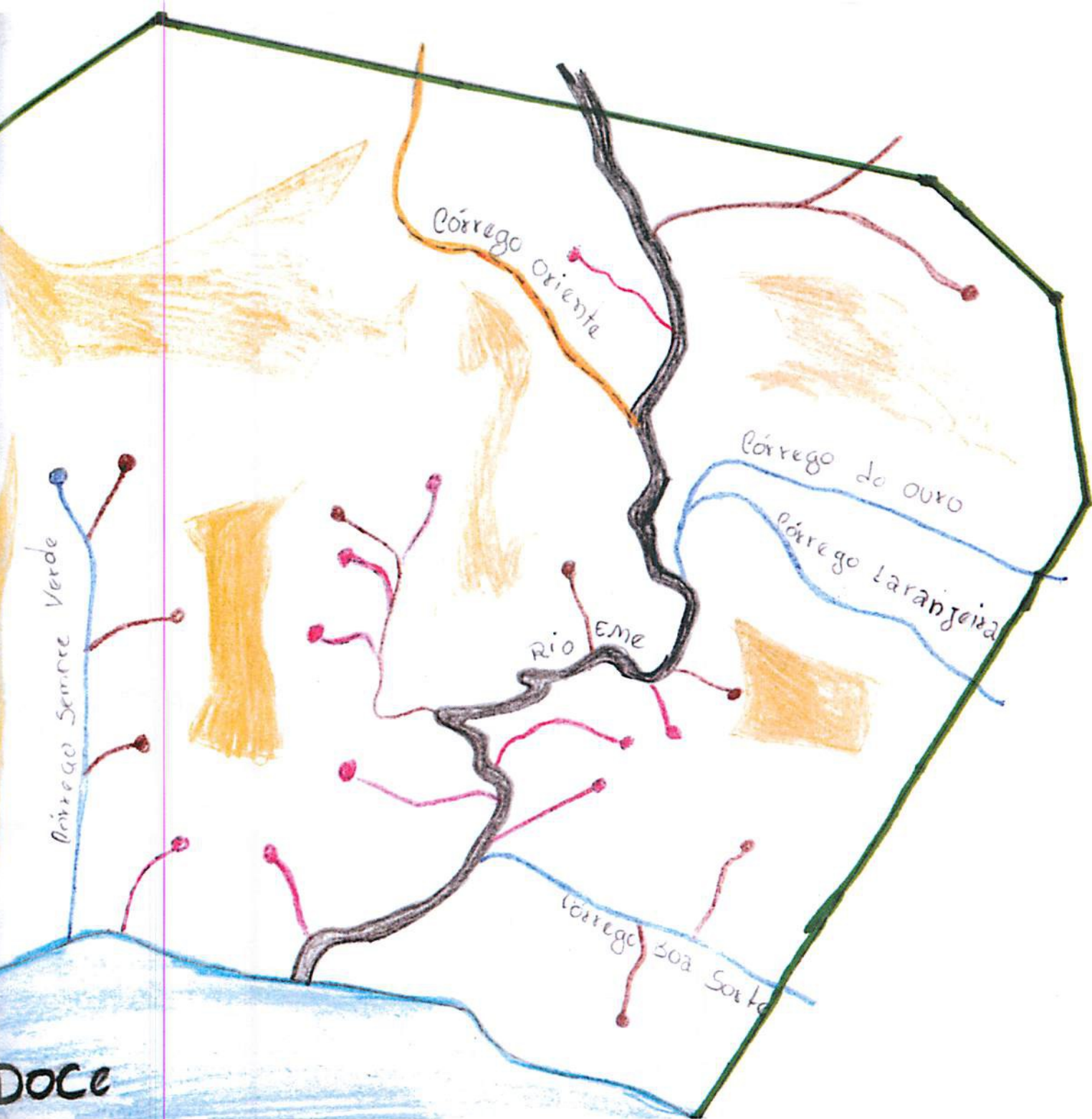
Cemitério nosso é esse aí. Está todo mundo aí. Minha avó. Quando o fazendeiro invadiu, minha avó morreu, ela foi enterrada aí. A mãe de Laurita. Minha avó, eu sei até o lugar onde ela está. Ela está no meio dos bois que o fazendeiro trouxe. Muita gente fala assim: -"Por que vocês deixam tudo no lugar de andar?" Eu digo: -"Porque a gente vive é andando, não é? Então eles estão aqui, eles estão vendo a gente andando. Eles andam também." Isso é que é coisa importante pra gente. O que a gente tem pra gente é preservado. Porque isso é a nossa história que a gente guarda, como eu estou guardando. Agora, tem que reflorestar as nascentes, porque eu quero guardar isso para os meus netos, para os meus filhos.



Água, leite das vidas Krenak  
Os professores Krenak explicam sua hidrografia







Córrego Oriente

Córrego do ouro

Córrego Laranjaíva

Rio EME

Córrego Boa Sorte

Córrego Sempre Verde

DOCE

Neste mapa, desenhamos onde as nascentes nascem. Cada pontinho é uma nascente que já morreu. Algumas estão vivas e outras já morreram. A nascente do córrego Sempre Verde, por exemplo, está viva. Esta aqui seca na época da seca. A maioria das nascentes é temporária. Nosso projeto é recuperar todas as nascentes para que haja bastante água. Este é o mapa da aldeia toda. Há várias nascentes aqui, além dos córregos que vêm de fora.

Hoje, as nascentes são temporárias. Na época das águas, elas aumentam um pouco e na época da seca, elas infiltram. O córrego seca. Os córregos secam. O córrego Sempre Verde não seca. O outro córrego não seca. O córrego do Eme fica bem raso, mas permanece. O córrego dali quase seca, fica parecendo um poço. A maioria é temporária.



Os córregos secam devido à falta de mata, por causa da pastagem. Há muito gado nessa região. O boi geralmente "soca" ao pastar. Quando a gente ocupou essa terra, os fazendeiros tinham muito gado na Reserva. Os bois ficavam próximos às nascentes e isso foi acabando com elas. Além disso, o desmatamento provocado pelos posseiros contribuiu para diminuir as nascentes. Depois, o assoreamento foi socando e solando. Por causa disso, a maioria das águas da aldeia é contaminada. O córrego do Eme tem água, mas vem de longe; há muito dejetos de esgoto nele. Há também muito dejetos no Rio Doce. Consequentemente há muita verminose.

Os que nascem na aldeia não têm perigo, mas o único que nasce na aldeia é o Sempre Verde e não há riscos de contaminação. Já os outros córregos são contaminados, porque nascem fora. Há dejetos e lixo neles. O Rio Doce nem se fala, está completamente poluído, contaminado.

As nascentes poluídas são as do Eme, que é o córrego do Eme, do córrego da Gata e do Uatu. O Uatu é o Rio Doce. O Sempre Verde é o menor deles. Este não seca, mas tem pouca água. Talvez, se recuperarmos essas nascentes com reflorestamento, seu volume d'água possa aumentar. Com a água farta, teremos a possibilidade de fazer criação de peixe ou fazer roça. Nós temos roça irrigada com bomba, mas, se faltar água, não adianta ter bomba. A água é essencial. É vida. Quem tem água, tem peixe e caça. Vai ter equilíbrio ecológico. Se a água for limpa, você pode bebê-la sem medo.

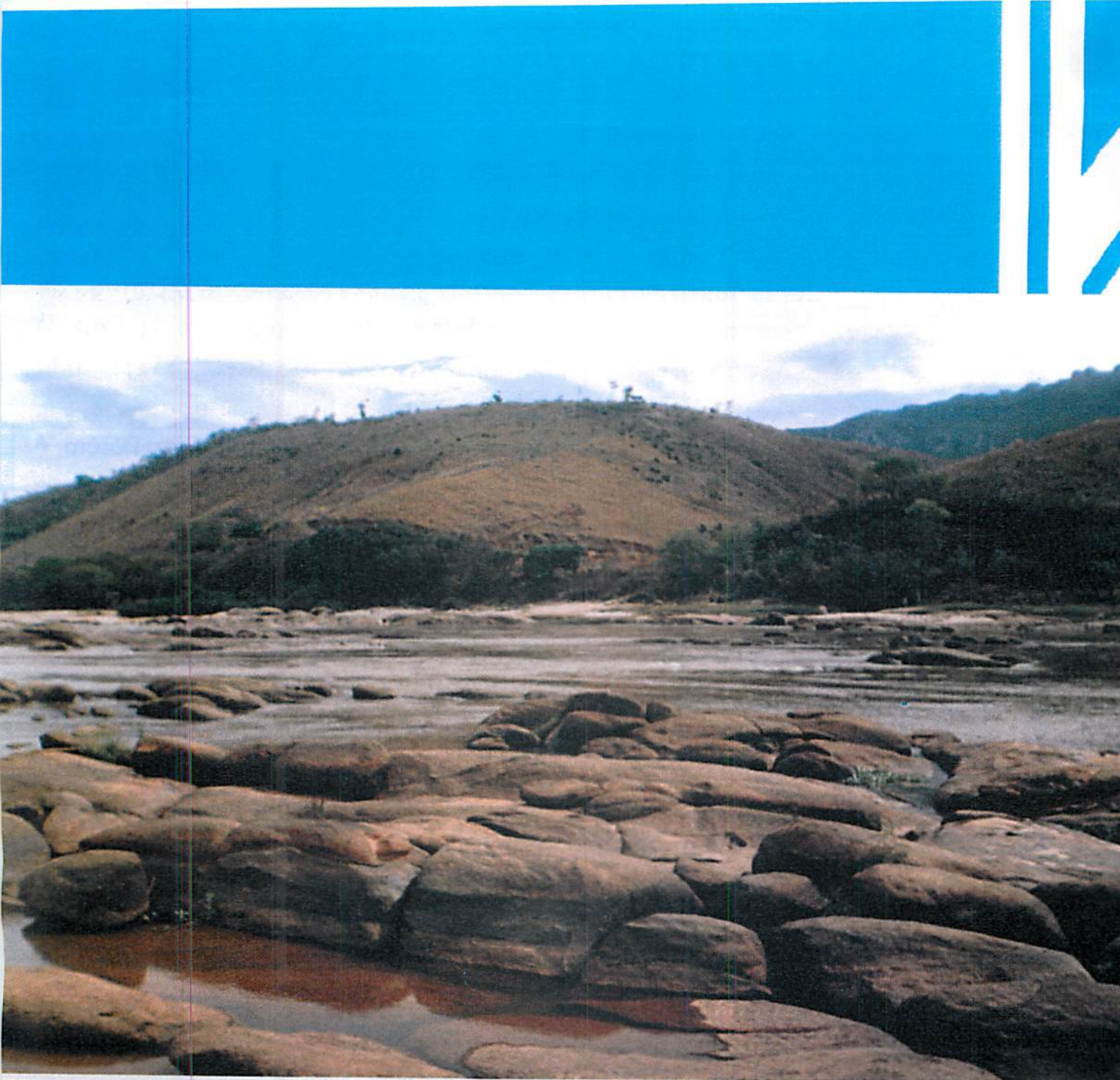


Nossas metas são reflorestar e ter um incentivo educacional para esse povo ter consciência e não contaminar o Eme. A gente utiliza a água para lavar, cozinhar e também para irrigação. As terras são irrigadas com a água do córrego do Eme. Então, parte dos nossos objetivos é tentar recuperar as nascentes que foram perdidas e reflorestar os vales. Tudo aqui é vale. Tem muita erosão por aqui. Com o desmatamento, a chuva abaixa, infiltra, escorre muito para o córrego e assoreia o nosso terreno. Nossa primeira meta é reflorestar e cuidar. Depois de reflorestar, é mais fácil de preservar. Evitar desmatamento e poluição. Não há dejetos no Eme. Só os que nascem fora é que vêm poluídos. O Eme, que é o principal, nasce fora da Reserva. O outro córrego é pouca coisa, sua água é "enferrujada", ruim.

A água hoje é pouca. Existem córregos que não são permanentes. As nascentes secam mais e mais por causa dos desmatamentos e também porque o sol é muito quente. Os brancos, quando tomaram as terras dos índios, desmataram tudo. Acabaram com a maior parte das matas. Com o que os índios mais precisavam para uma vida digna. Antigamente, tinham as caças e frutas para todos. Hoje, porém, não tem mais. Agora é preciso reflorestar para aumentar a fauna, a flora e as águas. É necessário reflorestar, principalmente, as matas ciliares do córrego do Eme. Porque suas águas estão sujas e seu curso está ralo.



O mesmo acontece com as águas do córrego da Gata. Estão sujas e poluídas. Isso acontece porque os fazendeiros que moram perto de suas águas estão contaminando. A água está toda suja, porque seus currais e suas casas fazem o córrego de esgoto. Essas construções foram feitas às margens da água. O córrego da Gata, quando passa no território Krenak, já está todo sujo. Os fazendeiros mesmo não usam a água para subsistência, por isso não importam com a qualidade que ela tem. Porém, é indispensável que eles contribuam com a limpeza e despoluição do córrego, pois são eles quem mais sujam. Na área Krenak, eles mesmo já estão providenciando meios de preservar o leito. Contudo, a cabeceira é o lugar que precisa de maior cuidado, para que haja melhoria das águas. A cooperação dos brancos é indispensável. Eles têm que nos ajudar, uma vez que, eles são obrigados a restaurar os danos cometidos à natureza. É indispensável que olhem para os que também precisam da água tanto quanto eles. Os índios não estão isolados. A água aqui faz parte da vida de todos. Os brancos hoje pescam muito nos rios e isso acaba sendo outro problema para os Krenak, estamos ficando sem peixe. Quanto à caça, não pode ser mais praticada, está tudo devastado. As matas acabaram. Como, então, é possível caçar? Como é possível pescar? Como podem os krenak, dessa maneira, se manterem vivos?





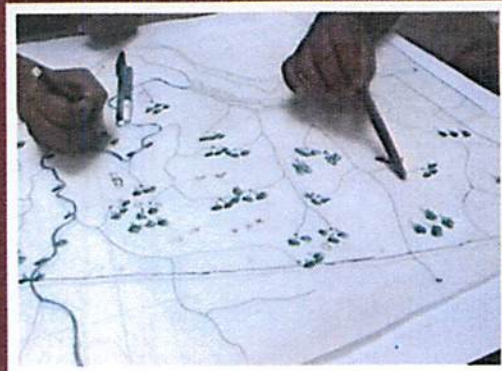
Existe abaixo do território Krenak uma represa. E todos os peixes ficam retidos nela. Para que eles possam atravessar, só se destruir. Quando acabarem os peixes, não tem mais volta. Depois que fizeram a represa lá em Aimorés, tem muitos peixes morrendo. E ainda com o rio completamente poluído, além de acabar com os peixes e contaminá-los, pode ainda causar doenças para quem consome sua água. A água que os Krenak utilizam para tudo é a que passa na aldeia. E eles são obrigados a passar por essa situação, de beber água poluída, de comer peixes contaminados, pois eles não têm água encanada.

A terra para os Krenak é essencial.

Se tem terra, tem alegria

Professores Krenak falam do seu território





A terra para os Krenak é essencial. E se os Krenak têm terra, eles têm alegria. Eles podem plantar e colher. Assim, não precisam viver com opressão, com medo de plantar e perder. Quando tinham só um pedacinho de terra, treze alqueires, era uma situação terrível. Depois, com o tempo, ocuparam mais um pedacinho e foram para 4.900 hectares.

Naquela época, nascia um menino a cada cinco anos. Nasceram e tem um bocado espalhado por aí afora. E agora, com essa terra, as crianças continuam a nascer: todo ano nascem cinco, seis meninos.

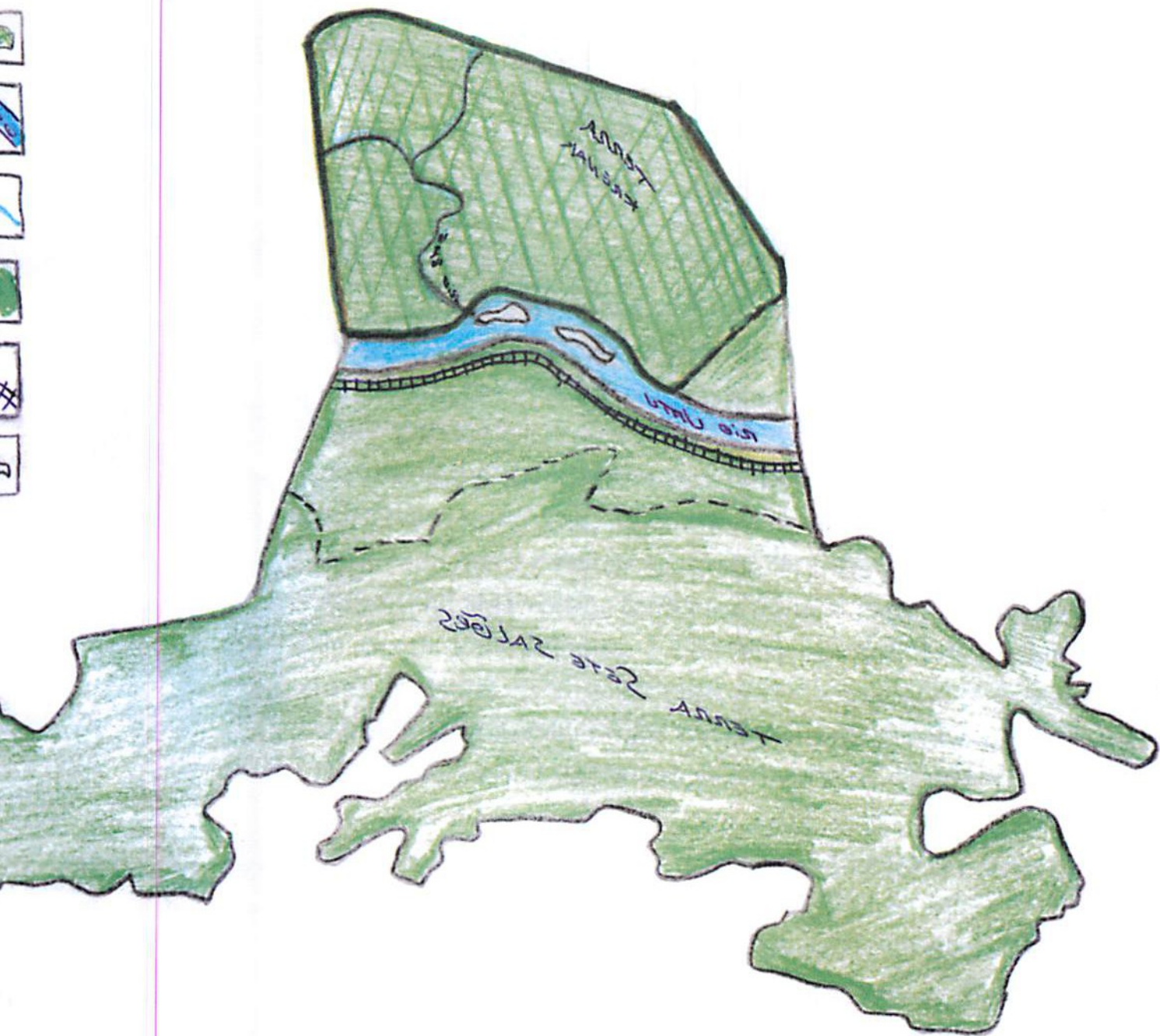
Na época em que não tinha terra suficiente, a coisa mais rara de se ver entre os Krenak eram as mulheres grávidas. Hoje, trabalham, incansavelmente, para que a geração atual tenha o futuro garantido: com dias melhores e que saibam, também, cuidar da terra herdada.

Para todo o povo, os antepassados deixaram a tradição. A língua, os costumes, a dança, a cultura, a terra. Porém, a terra está acabando. Hoje em dia, só vê aqui erosões. A perspectiva de vida não é boa. Agora, porém, existe um trabalho intenso para que as gerações futuras tenham uma vida melhor, com mais produtividade. Uma existência que seja alegre desde o começo.

A mata e as águas são fundamentais para a cultura Krenak. Da mata, nós tiramos matéria-prima para trabalhar com artesanato, com a língua e para caçar. As matas trazem mais chuvas para a região. Trazem a fertilidade para a agricultura.

O povo Krenak vem recuperando muito da sua tradição. Antes, por serem oprimidos, agiam de maneira inibida. Porém, a alegria dos Krenak de cantar, dançar e agradecer a Deus por tudo o que acontece de bom na vida voltou. Com essa mata e a água, vai ter fartura de caça, de pesca e de colheita. É isso que querem deixar para as gerações futuras. Hoje, os Krenak basicamente colhem para comer. Colhem arroz, feijão, milho. Criam também gados. Porém, a cultura Krenak tradicionalmente, não é voltada para a criação de gados. O que eles procuram é viver da terra e da água; caçar e pescar. Só praticam a pecuária para que haja, no futuro, caça, pesca e coleta de frutos e de raízes em abundância. Esse hábito de manter criações veio porque os Krenak não têm fartas opções de viver como tradicionalmente. Além de alimento, o gado é também uma renda rápida. Ele rende leite e também bois e novilhos, que podem ser comercializados.





ra Krenak

Uatu

E me

ra Sete Salões

.V.M.



Porém, com o projeto de recuperação das matas, das nascentes, da caça e da pesca, a criação de gado será, portanto, uma opção secundária e não para subsistência do povo Krenak. Dele pode ser retirado, por exemplo, um leite para *beber*. Mas, acima de tudo, a principal meta dos Krenak é a recuperação das nascentes e de suas matas.

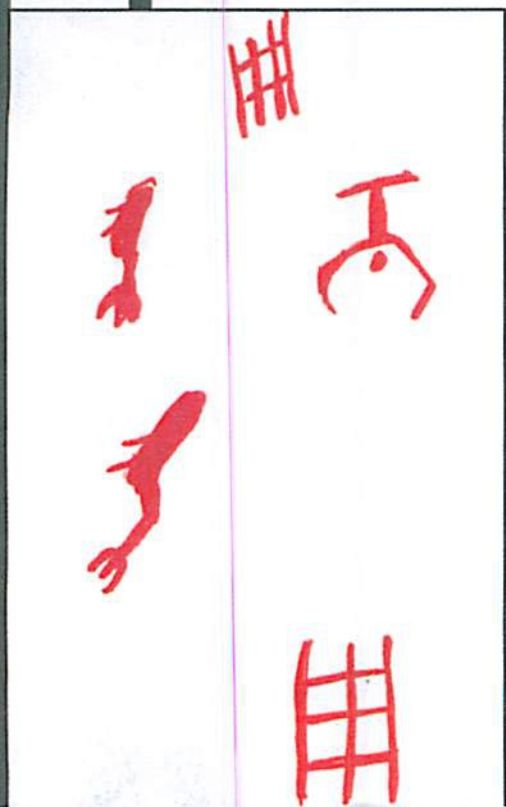
Existe um mapa idealizado pelos Krenak. O mapa do futuro das terras, de onde apontam as cabeceiras das nascentes até todo o território. Eles desejam e batalham para que seja um território cercado e reflorestado. Para que seja possível aos córregos trazerem mais água, para um futuro *melhor*.



PATRIMÔNIO  
CULTURAL KRENAK,  
ILHA DA RESISTÊNCIA

Itamar Krenak






Tem um poção aqui que é um lugar onde os peixes se reproduzem muito. Então esse é um lugar onde a gente, no futuro, pretende conservar. Até porque essa área hoje faz parte de um patrimônio cultural Krenak, a Ilha da Resistência. Na época em que os índios foram tirados à força para outros lugares, ficou uma turma de índios Krenak nessa Ilha até o pessoal todo voltar novamente e retomar a terra. Por isso, é importante preservar esse local para contar para os nossos mais jovens que vêm crescendo, a história que aconteceu aqui e que é passada de geração a geração.

Tão importante que é essa Ilha, pode ver que as outras estão acabadas e ela não está... Os Máret que lá estão, gostam daquele lugar lá.

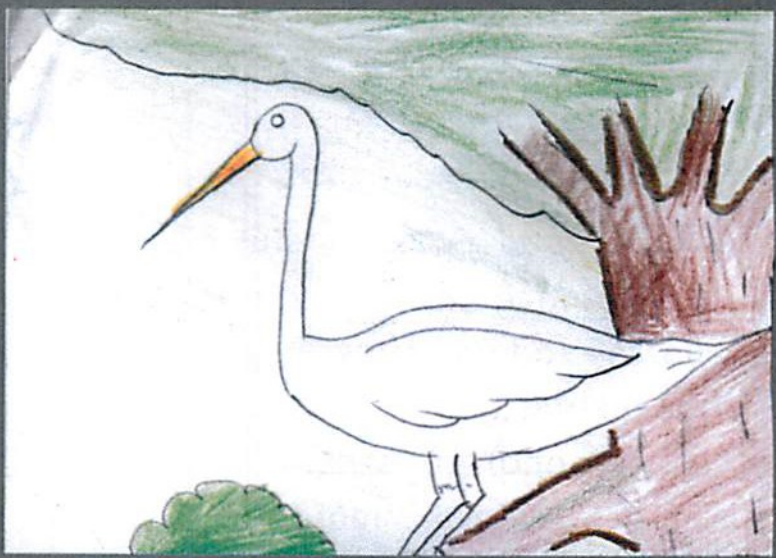






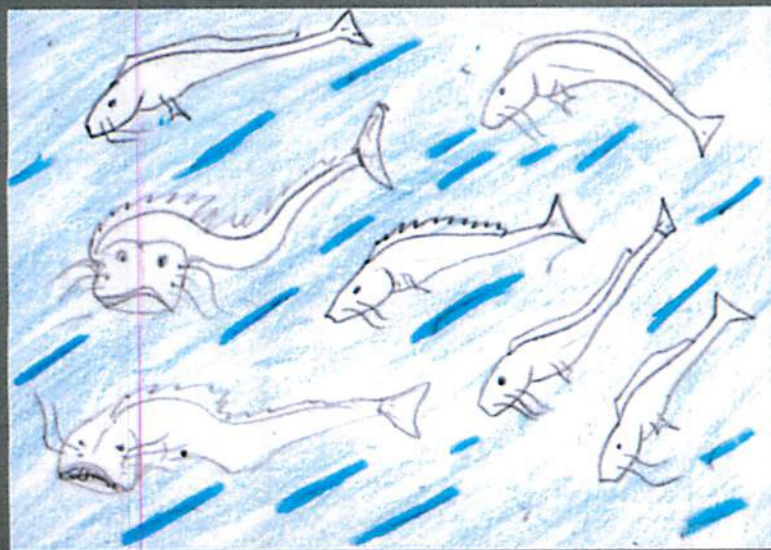
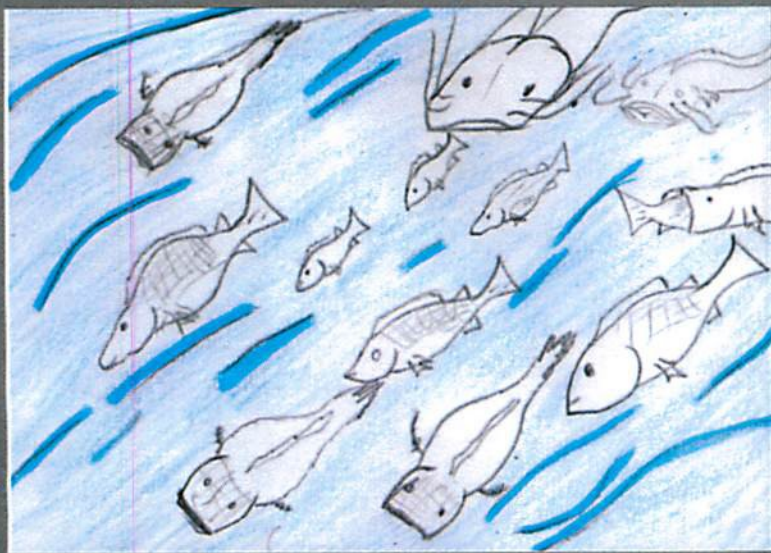
A gente estava estudando o patrimônio cultural Krenak e a Ilha faz parte da história. Em todos os mapas a Ilha estava presente, porque tem uma história muito grande. Porque, na verdade, quando os índios saíram, esta Ilha ficou como uma Reserva. A aldeia já não era mais aqui, já era ali, na Ilha, e era muito pequena, então a Ilha virou uma pequena aldeia. Os índios foram tudo embora, levados à força, amarrados. E os que não foram, ficaram tudo escondido na Ilha. Então, essa história é importante de ser lembrada, divulgada, porque a Ilha foi uma aldeia por um tempo. Depois que os índios voltaram e se juntaram com os que já estavam aqui na Ilha, ficaram fortes e correram atrás de seus direitos: reivindicaram, lutaram e muitos até morreram. Houve uma época que os índios chegaram a perder esperança e acharam que não queriam mais a terra de volta. Só que os Máret ajudaram muito os Burum a lutar e correr atrás do direito. Conseguimos treze hectares pequenos, o nosso terreno ficou um tempo ali naquele pequenininho. Passou um tempo, conseguimos esse território que, atualmente, é grande e a Ilha fica na lembrança de todo mundo, na história. Um lugar que, se esses índios não tivessem ficado, talvez, tivesse sido extinto, tinha sido extinta a aldeia Krenak.















Apêndice:

## A visão do branco sobre o índio

---

JOSÉ, Oilliam. *Indígenas de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1965.

Botocudos: nome genérico, abrangendo grande bloco de tribos e subtribos de origem *gê*, segundo a classificação de Martius. Aos Botocudos, uniram os estudiosos também tribos de outras ascendências, mas que falavam línguas ou dialetos desse bloco. Realmente, diversas tribos só foram incluídas entre os Botocudos porque habitavam nos vales dos rios Doce, Jequitinhonha ou Mucuri, porque acabaram falando, com maiores ou menores modificações, a língua botocuda, porque os pesquisadores do temido gentio dos Botocudos caíram, não poucas vezes, no primarismo de indefensáveis generalizações. Martius sentiu com agudeza o problema, mas não o deixou solucionado. Exagerou, indicando, em sua louvada *Reise in Brasilien*, 3 volumes e 1 atlas, München, 1823 e 1831, que procederiam de matrizes distantes da dos Botocudos os indígenas Capoxós, Camanaxós, Panhames, Monxocos, Machacalis, Malalis, Maconis, Bacuês, Crénaques e os próprios Nacnenuques, quando, em verdade, só alguns deles viriam dessas matrizes.

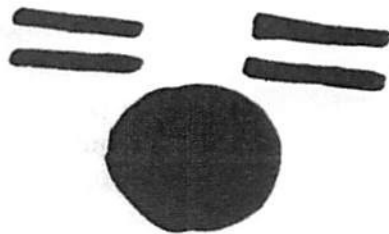
Atribui Marlière a denominação *Botocudo* à iniciativa de portugueses, que a acolheram porque esse gentio ornava os beijos e as orelhas com rodela, os *botoques*, preparados em madeira, substituindo os *tembetás*, que eram de osso, pedra corada ou simples seixo.



O dedicado civilizador francês descreveu-lhes, em 1826, assim o físico: "São imensos em número, de bonita estatura, fortes, robustos, e valentes, muito próprios para agricultura e serviço dos rios."

Que os Botocudos provêm do homem aludido, de Lagoa Santa, não há dúvida. Os argumentos expendidos a esse respeito fizeram-se volumosos e uniformes. Já o mesmo não é lícito dizer quanto à descendência de todas as tribos achadas em Minas.

Compõem, pois, o bloco Botocudo, no consenso geral, que utiliza esses pontos de vista às vezes díspares, os Gracnuns, os Machacalis, os Maconi, os Malali, os Nacnenuques, os Pojichás e os Quejaurins, que povoaram as florestas de um e outro lado dos rios Doce, Jequitinhonha, Mucuri e São Mateus e afluentes deles, desde o Espírito Santo até o Sertão Mineiro, no início do século XIX. Por sua vez, os aludidos agrupamentos abrangiam os indígenas Aranás, Catolés,



Crenaques, Giporoques, Honarés ou Norettes, Pataxós, Potes, Puruntuns ou Peruntins etc., todos, portanto, subdivisões do mundo Botocudo.

Os Botocudos com suas diversas tribos de Nacnenuques, Pojichás, Gracnuns, Quejaurins e, para alguns, de Machacalis, Maconis e Malalis, por sua vez, umas e outras, conforme o caso, divididas em núcleos de Aranás, Crenaques, Giporoques, Norettes, Pataxós, Potes, Peruntins etc., todos porém povoadores de um e outro lado dos rios Doce, Jequitinhonha e Mucuri.

Até 1910, os civilizados dominavam as terras até a margem direita do Rio Doce. Além da outra margem, ficava o domínio dos Botocudos, que ia ainda dessa margem e o Rio Sapucaí Grande até as divisas com o Espírito Santo. A situação hoje é bem diversa. Os Botocudos não mais existem. Os brancos conquistadores tiraram-lhes as terras e eles desapareceram como bloco humano.



### Origens remotas

Ehrenreich, que, entre 1884 e 1885, estudou direta e pessoalmente os Botocudos, viu neles os mais antigos representantes do grupo *gê* e considerou-os como descendentes do remoto homem da Lagoa Santa. Não tinha originalidade essa posição do lembrado antropólogo alemão.

### Caracteres físicos

Por seu turno, os Botocudos mostravam-se geralmente altos, corpulentos, de cabelos pretos e lisos, de olhos pretos e nariz grande. Tinham pouca barba e pelo no corpo, mesmo em torno dos órgãos genitais. Traziam o lábio inferior perfurado para conter o *botoque*. Seu aspecto geral denotava rudeza, a testa salientava-se pelo achatamento e fuga e o semblante deles assemelhava-se ao do tipo amarelo-mongólico.

### Alimentos e bebidas

Os Botocudos, colocados num estágio inferior de cultura, usavam o demorado processo do pilão. Abriam, num toro de madeira, uma cavidade e nela, com rapidez, faziam girar um bastão de madeira mais dura que a outra até que o calor resultante do atrito incendiasse as paredes laterais da cavidade. Era então suficiente aproximar da brasa obtida uma palha seca e soprar. O fogo estava conseguido, para alegria dos velhos, adultos e crianças. Uma vez aceso, o fogo não devia apagar-se, ainda que custasse a vigilância de anciãos indicados para exercerem, dia e noite, o mister de alimentar a pequena fogueira de casca de árvore e gravetos.

No mel silvestre, encontravam os Botocudos, a exemplo do que ocorreu, milênios antes, com egípcios e mesopotâmicos, apreciado alimento. Era-lhes a maior fonte fornecedora de glicose necessária ao organismo, em especial na estação do frio, quando, pela ausência de agasalhos ou de simples roupa, os silvícolas sofriam duramente a ação das temperaturas menores. Usavam para colhê-lo e comê-lo o seguinte processo: com pancadas de pedras, arrombavam a cavidade dos troncos onde havia colmeia e, uma vez expostos os favos, impregnavam com o mel tiras de cascas, passando então diversos indivíduos a absorver o ambicionado líquido, rico em suas reservas de destrose, levulose, cálcio, cobre, ferro, fósforo e manganês.

### Atividades guerreiras e artísticas

Os Botocudos dançavam fazendo repetidos círculos, enquanto batiam compassadamente os pés e insistiam no canto do estribilho laudatório *erê, he*, isto é  *muito bom e bonito*. Marlière guardou a letra de uns versos cantados, no correr de dança, por uma jovem botocuda casadoira e de outros, pela mulher de um cacique também Botocudo. Na forma original, mostravam-se ricos em cadência, o que, infelizmente, não se percebe na tradução deles feita pelo próprio Marlière:

“Tu que diz sou feia,  
Porque vens de noite,  
Depois de meu fogo accezo,  
Deitar-te devagar nas minhas costas?”

**“Não posso mais dançar  
Vou-me sentando;  
Kejöh está em suor  
Já está chorando.”**

Os Botocudos, que viviam, em 1799, na Lorena dos Tocolos, pintavam-se assim: “Homens e mulheres vierão inteiram e nus, ornão-se huns e outros com pinturas de tinta encarnada e negra [...]” Para a obtenção de tinta negra necessária à pintura descrita, misturavam os Botocudos pó de carvão de madeira em gordura de anta ou capivara, cuja densidade e poder de aderência ao corpo as faziam preferidas à água.

Merece registrar ainda que esses processos de pintura visavam a outras finalidades, como a de proteger a pele contra a incidência dos raios solares e as picadas de mosquitos tão incômodos e comuns nas florestas e clareiras vizinhas dos rios e margens pantanosas.

Outro enfeite usado entre os Botocudos era o de rodelinha de madeira pendentes da base da orelha. Cabia tanto à mulher como ao homem.

#### **Usos e costumes**

Entre os Botocudos que, no início do século XX, ainda povoavam a margem esquerda do Rio Doce, prevalecia, porém, hábito diverso: os homens faziam atar por um cordel e à altura da região genital uma pequena tanga que lhes encobria os órgãos respectivos; as mulheres,

porém, nada usavam sobre essa região ou outra do corpo: eram completamente nuas. Uns e outros concordavam, no entanto, em vestirem calça ou saia, quando atravessavam para a margem direita do rio e apareciam nas localidades da região. Não significavam esses hábitos que as mulheres botocudas, desde séculos antes, deixavam de velar, quanto lhes eram possível, seus órgãos genitais. Para se resguardarem, andavam normalmente com os pés para dentro e unindo o mais possível as coxas umas contra as outras...

Algumas tribos, como as dos Botocudos, tinham o cuidado de não erguer suas habitações nas proximidades de cursos d'água encachoeirados. Impunham a si essa escolha para melhor defesa da comunidade, uma vez que tal providência lhes permitia ouvir o menor barulho, fosse o de feras, fosse o provocado pela sorradeira arremetida de brancos ou tribos inimigas. Para a defesa de suas malocas, aceitavam igualmente outros sacrifícios, inclusive o da falta de continuidade no sono. Acordavam diversas vezes no curso da noite, preocupados sempre com possíveis agressões e, como reforço de defesa, faziam os velhos da tribo incumbirem-se de revezada vigília. A escolha desses para o delicado mister resultava do fato de não serem ocupados nas tarefas diurnas e, assim, estarem em condições de permanecer acordados horas a fio, enquanto os demais membros da comunidade dormiam por algum tempo.



## Religião

Não faziam as tribos indígenas mineiras referência explícita a Deus, para eles *Tupã*, e menos ainda lhe conheciam os atributos de onisciência e onipotência, mas sentiam e afirmavam que um ser poderosíssimo e bom os acompanhava. E os Botocudos até acreditavam vê-lo, pois lhes apareceria cercado de grande beleza, e “vestido de roupas alvas e bonitas”. Por outro lado, para eles o espírito mau ou demônio estaria em permanente comunicação com os pajés. E, nesse dualismo de contornos nem sempre delineáveis, nesse inconsciente processo dialético entre a suavidade do Bem e as potências representativas do Mal, exauriam suas crenças religiosas que não conheceram o Amor como fonte de união da criatura com o criador. Quando, pois, nas selvas ainda longe da ação missionária, tinham os Botocudos “idela muito material do Ente Supremo, vivendo quanto ao mais n'uma lastimável ignorância.”

## Organização familiar

Os pais Botocudos, numa expressão de atenuado paternalismo, usavam ciosamente o direito de combinar o casamento do filho em poder deles, enquanto às órfãs e viúvas, tidas como de ninguém, permitia-se a escolha do marido. Marlière, que bem merece o título de um dos maiores civilizadores deles, descreveu assim as cerimônias de um casamento Botocudo presidido pelos pais dos jovens: “Entregam os noivos pela mão, acendem o seu fogo, fazem a cama nupcial coberta de *Ki-gemm* e se retirarão deixando a liberdade aos esposos. Apenas não esclareceu que o noivo, para ter direito a sua futura mulher, devia ir ao pai dela, pedi-la e provar que já

podia sustentá-la. Essa prova consistia em haver o pretendente flechado uma anta, um veado ou outro animal de bom tamanho ou pele resistente. Menos cerimonioso ainda mostrava-se o casamento das viúvas e órfãs. Consistia apenas em o pretendente revelar os seus intuitos casamenteiros, deitando-se, à noite e com o consentimento da noiva, nas costas dela. Ambas as cerimônias, embora de modo diverso e, atenuadamente, atestam a existência do domínio paterno ou masculino no seio da família indígena e da iniciativa masculina nos casos de matrimônio.

## Medicina

Para combater a generalizada infestação de piolhos, dispunham os Botocudos de uma espécie de pente, instrumento de madeira com cerca de dez centímetros de comprimento e bem polido. Numa extremidade, havia ponta; na outra, pequena superfície plana em forma de pá. Como usavam o utensílio de higiene da cabeça assim descrito e como agia ele para a remoção do terrível parasita, é segredo que os viajantes se esqueceram de descrever.

## Armas

O arco dos Botocudos fazia-se de madeira resistente e flexível, o tronco da palmeira brejaúba, tendo, porém, corda de fibras de gravatá, a *Bromélia fastuosa*, que se desenvolvia sobre os rochedos de serras mineiras, ou de fibras extraídas da casca da embaúba. Os indígenas chamavam o gravatá de *carite*; e banana do mato era o nome vulgar de seu fruto. Esse conjunto Botocudo proporcionava maior flexibilidade à arma e melhores resultados na caça. E, para embelezar seus arcos, cobriam-nos de trançados

de fibras sem forma ou motivos definidos.

Havia, por exemplo, entre os Botocudos até flechas com pontas para caça de grande ou pequeno porte e flechas especiais para a guerra, essas com ponta lisa por um lado e, no lado contrário, até seis dentes dilaceradores dos tecidos. No caso de as aves caçadas serem muito pequenas, o abate delas se fazia com arco expeditor de bolinhas de madeira ou cera. Foi a solução encontrada para evitar a dilaceração da carne que serviria de alimento.

Os Botocudos compreenderam logo amargurados a inferioridade de seu armamento primitivo em face das armas dos brancos, o que os levou a se fazerem mais agressivos na guerra contra os desbravadores. Para suprir essa deficiência e encobrir sua decepção, valiam-se do elemento surpresa, atacando de emboscada o inimigo. Além disso, preferiam lutar à noite e atacar pela retaguarda. E não era só. Usavam flechas farpadas, capazes de produzir ferimentos de maior amplitude e mais grave ação dilaceradora dos tecidos...

#### Utensílios

Especial cuidado merecia os Botocudos a fabricação dos *imatós* ou *botoques*, os enfeites de madeira que usavam encaixados em orifícios abertos no lábio inferior e na porção baixa das orelhas. Selecionavam para isso tipos apropriados de madeira e ornavam esses enfeites de modo a chamarem a atenção dos demais componentes da tribo. Talvez procurassem com isso suprir a inferioridade do material utilizado nos *botoques*, pois sabiam que os *tembetás*, usados antes, eram de pedras coradas, ossos ou seixos e, assim, mais artísticos e resistentes à ação dos elementos, a começar pela saliva.

#### Folclore

Uma das lendas mais conhecidas deles corria entre os Botocudos. É de enredo simples e reveladora dos sentimentos de vingança que inundavam a alma dos selvagens das margens dos rios Doce e Jequitinhonha. Recolheu-a Saint Hilaire, da boca de seu querido indígena Firmiano Durains, tirado ainda jovem do meio Botocudo e feito acompanhante do francês em diversas de suas caminhadas pelos sertões do Brasil. Expressou-a nesses termos o erudito naturalista: "O urubu que antigamente era todo coberto de penas, convidou um dia sua vizinha a arara para jantar; mas como só lhe servisse carne de anta podre retirou-se a arara a jejuar. Querendo vingar-se convidou esta por sua vez o urubu e lhe ofereceu sapucaias. O urubu achou-as excelentes e delas comeu grande quantidade; as penas de sua cabeça caíram e desde então esta ave tornou-se calva."

#### Catequese

Entre os Botocudos, foi a catequese iniciada nos albores do século XIX. Mas as dificuldades eram de tal monta que, a princípio, nenhum trabalho demorado se podia fazer. Os Botocudos reagiam com inaudita violência aos esforços de penetração dos brancos nas terras dos imensos vales dos rios Doce, Jequitinhonha e Mucuri. E, nessa reação, alcançaram o estado de verdadeira guerra, quando os brancos, divorciando-se do bom senso, decidiram vencer pela força os Botocudos. Suspenderam o diálogo com eles, quando apenas o haviam iniciado e o substituíram pelo extermínio sumário, de que se fez paradigma a ação do famigerado primeiro comandante da 1ª e, depois, 6ª Divisão, Januário Vieira Braga, contra os nacneuques [...]



SAINT-HILAIRE, Auguste de.  
*Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

Botocudos nômades se assentam nas florestas de Linhares

Como em todas as florestas primitivas, aqui em Linhares a vegetação é muito variada, mas encontrei poucas plantas floridas. Essas florestas servem de refúgio a grande número de animais selvagens, como veados, onças, pecaris, antas e para inúmeras espécies de macacos. Nessa época eram também asilo de tribos errantes de Botocudos, dos quais os colonos só falavam com pavor. Mais de uma vez encontrara-se pegadas deles perto das casas, mas nunca houve ataques por esses índios.

Da foz do Rio Doce, pode-se chegar ao Rio de Janeiro em quatro dias. A brevidade dessa travessia, assim como a vizinhança da Vila de Vitória, asseguram pronta venda de todas as mercadorias transportadas. Entretanto, até a época de minha viagem, dois motivos concorriam para afastar dessa região aos que

queriam estabelecer-se nela: o pavor das doenças e dos Botocudos. Mas, a essa pavorosa que antigamente os Botocudos causavam, devia estar agora intelramente afastada, porque, graças aos cuidados do senhor Guido Tomás Marlière, esses indígenas se tornaram amigos dos luso-brasileiros; e mesmo na época da minha viagem não deviam ser tão perigosos quanto se supunha.

Os Botocudos, habitantes das terras de Minas Gerais vizinhas ao Rio Doce, se aproximaram, depois de minha partida, cada vez mais dos luso-brasileiros pelos esforços de Guido T. Marlière. Primeiro, o que atraiu Marlière foram as perseguições absurdas aos Botocudos, mas logo lhe renderam justiça completa e, desde esta época, ele consagrou sua existência inteira à felicidade dos indígenas. Era muito difícil extinguir o ódio que os portugueses tinham aos Botocudos, irritados por uma longa guerra e bárbaros tratamentos. A filantropia de Guido foi vencendo todos os obstáculos. As primeiras tribos que se entregaram a ele foram as da zona meridional do Rio Doce (fins de 1.832).

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. *Vlagem pelo Brasil: 1817-1820*. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981. 3 v.

Como todos os índios que havíamos visto até agora, eram também estes cor de canela clara, de altura mediana, estatura atarracada, pescoço curto, olhos pequenos, nariz curto achatado e lábios grossos. O cabelo negro brilhante, escorrido, caía em melenas revoltas; a maioria deles trazia-o raspado em volta da cabeça, até uma polegada acima das orelhas. As suas feições tomavam aspecto feroz com os batoques de algumas polegadas de diâmetro, que eles metem no lábio inferior e nos lóbulos furados das orelhas. Parte da horda ia sem armas: levavam quase todos uma trouxa de roupa de algodão branco ou de chita que haviam recebido do Diretor dos Índios, ou de pessoas compassivas, com as provisões de boca, uma folha de bananeira, cheia de mandioca, debaixo do braço. As armas, que os homens adultos levavam, eram arcos rijos, feitos com pau-de-arco ou tapicuru e um feixe de flechas. Muitos traziam um facão curto. Pendurado por um fio ao pescoço, e tinham a face pintada de vermelho, com um traço preto, atravessado de orelha a orelha, debaixo do nariz.

#### Entretenimento

Tem-se dito que para tornar uma festa perfeitamente alegre, homens e mulheres se reúnem em

círculo e dançam [...] Entregam-se a outros exercícios e divertimentos. Fazem às vezes para si flautas de canudos de taquara, com alguns orifícios na extremidade inferior, que comumente são tocadas pelas mulheres. As crianças e os jovens divertem-se atirando com o arco; entre os adultos observa-se algo de semelhante ao jogo da pela. Usam para este fim uma grande bola feita com um couro de preguiça (*ihó*), a que tiram a cabeça e os membros, cosem as aberturas e enchem depois de musgo. Todo o grupo, muitas vezes numerosos, se distribui em círculo, cada um jogando a bola para outro, sem deixar que caia ao chão. Às vezes entregam-se, nos rios, a um outro divertimento, que consiste em lutarem nadando doze ou mais mulheres em companhia de três ou quatro homens, procurando cada qual fazer os outros mergulhar, exercício esse em que é de admirar a destreza com que nadam.

#### A lua

A lua (*Taru*), entre todos os astros, parece ser o que os Botocudos mais veneram, pois é a ela que atribuem a maioria dos fenômenos naturais. Seu nome aparece em muitas das denominações aplicadas aos meteoros; assim é que o sol chama-se *Tarudipó*, o trovão *Tarudecuvong*, o raio *Tarutemareng*, o vento *Taucuu*, a noite *Tarutatu* etc. Segundo imaginam, é a lua quem dá origem ao trovão e ao raio. Ela às vezes cairia sobre a terra, ocasionando a morte de muitos homens. Atribuem-lhe também o malogro na colheita de certos produtos alimentícios, de frutos etc.



**FALA UATU**



**Este livro é resultado de trabalho desenvolvido, no segundo semestre de 2008 e primeiro de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG, pelos alunos da disciplina Estudos Temáticos de Edição, ministrada pela professora Maria Inês de Almeida: Abel Alves, Ana Flávia Torquetti, Augusto de Castro, Bárbara Neves, Bruna Marta, Carlos Renzo, Carolina Fernandes, Eder Lúcio de Almeida, Fábio Guedes, Flávia Costa Oliveira, Flávia Almeida, Flávia Gomes, Flávia Pena, Gustavo Bicalho, Henrique Wollny, Idênia Gomes, Ivan Saigg, João Gabriel Vaz, Juçara Silva, Juliana Veiga, Larissa Alberti, Letícia Malloy, Lilliana Vasconcelos, Luís Cláudio de Andrade, Marcos Fábio de Faria, Marilene Reis, Thaísa Lagoeiro, Tissianie Cardoso.**

## DOAÇÃO

De: NÚCLEO DE PESQUISAS

Em: 12 / 07 / 2010

R\$: 30,00

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias da Biblioteca FALE/UFMG

U11

Uatu Hoom / Itamar de Souza Ferreira Krenak, Maria Inês de Almeida e alunos de Estudos Temáticos de Edição (org.). – Belo Horizonte : Faculdade de Letras da UFMG ; Cipó Voador, 2009.  
92 p. : il., color., maps., fots. + 1 DVD, 1 fl. mapa

Inclui DVD intitulado Burum Nak com documentário retratando a história do povo Krenak e um mapa da Terra Krenak em Minas Gerais.

ISBN: 978-85-7758-078-1

1. Índios Krenak – Minas Gerais. 2. Índios da América do Sul – Brasil. 3. Índios Krenak – História. 4. Índios Krenak – Cultura. 5. Minas Gerais – Geografia. I. Krenak, Itamar de Souza Ferreira. II. Almeida, Maria Inês de.

CDD : 980.41